

**Assinaturas**

Ano — — — Cr.\$ 20,00  
 semestre — Cr.\$ 12,00  
 Pagamento Adiantado

# O E'CO

Anúncios e Publicações  
 de acordo com a  
 TABELA

REDAÇÃO  
 RUA 15 DE NOVEMBRO N. 373  
 CAIXA POSTAL N. 30

REDATOR-CHEFE: ORLANDO PAULETTI

DIRETOR: ALEXANDRE CHITTO

(ORGÃO INDEPENDENTE)

ANO IX

S. PAULO

Ubirama, 28 de ABRIL de 1946

BRASIL

NÚMERO 418

## VELHOS ERROS

ALEXANDRE CHITTO

Até bem pouco tempo, ou melhor, antes da guerra, os economistas de nomeada universal afirmavam que o intercambio internacional era o unico meio para se manter o barateamento da vida.

A proteção dos produtos nacionais com a elevação das barreiras alfandegarias seria um erro. Erro no qual incorreram os governos ditatoriais e que elevaram o nível de vida dos seus povos a ponto insustentavel, como atualmente se divulga.

Geralmente, os países do universo têm os seus grandes recursos naturais: jazidas de petroleo, carvão, aço, ferro, ouro metais etc. E os que não as têm, ou ainda não exploradas, naturalmente, a agricultura é a principal fonte de riqueza.

Haja vista o Brasil. Relativamente ao consumo, a sua industria ainda permanece no embrião. É um país agrícola por excelencia, podendo fornecer diferentes mercados, de uma só vez, a preços de não temerem concorrência dos produtos naturais nos continentes onde forem introduzidos.

Na Inglaterra, por exemplo, a agricultura é quasi inteiramente fecunda. Mas, por outro lado, os produtos industriais brasileiros sofrem concorrência dos ingleses. A importação aqui, de ambos os lados, seria acertada.

Ora, neste caso, o intercambio internacional é indispensavel, uma vez que haja o desejo de se reduzir o nível de vida dentro de um padrão basico, universalmente equiparado aos recursos naturais do mundo.

Têm razão, portanto, os economistas que opinam pelo intercambio internacional. Entretanto, o sr. Luiz Carlos Prestes, se é que pode ser incluído entre os economistas, concedendo uma entrevista coletiva á imprensa, afirma que as importações devem ser controladas, porque a capacidade inglesa e norte americana, já está ameaçando seriamente a industria nacional, forçando a desocupação em massa. E cita o exemplo da fabrica dos produtos de aluminio de Ouro Preto, que fechou suas portas devido a entrada dos artigos de procedencia estrangeira.

Quer dizer, então, segundo Luiz Carlos Prestes, que devemos produzir, não obstante mais caro, industrialmente falando.

E se os Estados Unidos e a Grã-Bretanha tomarem a mesma atitude em relação ao Brasil? E onde depois acharemos mercados para vender sem comprar?

Somos um país de enormes recursos agrícolas e, por enquanto, a nossa missão mais acertada é nesse setor, evitando a produção ficticia.

Vimos o resultado do intransigente bairrismo que precedeu a guerra: queima de trigo na Rússia; queima de café, no Brasil; vinho atirado ao rio, na Italia; carne de carneiro transformada em adubo, na Argentina etc. etc.

E isso porque? Bairrismo e mais bairrismo. Barreiras alfandegarias como armas de proteção. E com tais medidas: miséria e sub-produção.

E agora, o "Cavaleiro da Esperança" vem com teorias que o mundo teve que destroçar para não morrer asfixiado.

O Brasil, por alguns anos ainda, terá que dedicar-se á agricultura de corpo e alma. Vender barato e adquirir produtos que atualmente está fabricando caro.

O intercambio internacional é o unico caminho aberto para a redução do nível de vida.

O bairrismo já o conhecemos e sabemos perfeitamente qual o seu resultado final.

Teorias em conversa e papel são muito bonitas e faceis, mas na pratica dificeis.

Foi violada a sepultura de Mussolini, em Milão, desaparecendo o cadaver.

Noticias de Milão revelam que a sepultura de Mussolini, em Milão, foi violada sendo ratado o cadaver do ex-Duce.

A policia milanesa efetou inumeras prisões de pessoas suspeitas, a fim de apurar o caso, que alarmou a cidade.

## Noticias de Aviação

(Serviço Especial do CEC para "O E'CO".)

LONDRES - Todos nós lembramos muito bem de que apenas três mezes fazem que a Grã Bretanha estabeleceu o novo record mundial de velocidade quando o Meteor da RAF cortou os ares com uma velocidade quasi incrível de 996 quilometros horarios. Para isso, esse aparelho estava dotado de motores Derwent, de jato-propulsão, um motor considerado com toda a justiça como a ultima maravilha da engenharia mecanica inglesa. Todavia agora se anuncia a construção de um motor ainda mais potente e veoz do que o «Derwent» com a diferença de ser um motor de retro propulsão. Mesmo assim, porem, o novo motor é capaz de fornecer nada menos de 25 por cento de força a mais que aquele, o que significa que dentro de muito pouco tempo os pilotos britanicos poderão ultrapassar os 1.000 quilometros horarios nos seus voos!

## A próxima viagem á Lua

PARIS, — O professor Alexandre Ananoff desmentiu indignado, as noticias de que pretendia levar nove jovens francesas na sua proxima viagem á lua em foguete atomico. Na realidade - disse Ananoff - meu primeiro foguete deverá contornar a lua dirigido pelo radar, sem nenhum tripulante. Os dados colhidos pelos registrados automaticos servirão de base á segunda viagem e nesta sim o inventor pretende embarcar, mas em companhia do capitalista que se prontificou a financiar as experiencias.

## Prefeitura Municipal de Ubirama

### AVISO

De ordem do senhor Prefeito Municipal, ficam pelo presente notificados todos os proprietarios de veiculos á tração animal, de uso particular, que forem encontrados sem a placa respectiva, e o pagamento do imposto de licença no corrente exercicio, serão os mesmos apreendidos, cobrada a multa, e o imposto devido por lei.

Ubirama, 27 de Abril de 1946.

(a) **Rogério Giacomini**  
 Escriurario Lançador

Dentro de poucos dias será marcada a data para as eleições estaduais e municipais.

Segundo se informa, dentro de poucos dias será marcada a data para as eleições estaduais e municipais.

Assim sendo, para as ultimas, o povo de Ubirama precisa escolher um candidato que centralize todas as forças politicas locais, assegurando, assim, a manutenção e desenvolvimento do municipio.

O C. A. Lençoense disputará no dia 1.º de maio em Botucatu frente aos Ferroviarios.

Foi-nos comunicado que o C. A. Lençoense disputará, no dia 1.º de maio, em Botucatu, com os ferroviarios daquela cidade.

## Frank Alberta

No dia 25 do corrente, completou um ano de existencia, o lindo menino Frank Alberto, filho do sr. Alcides Muller e da. Antonietta Giovanetti.

Ao Frank, os melhores votos do "O E'CO".

## E' voz corrente que Borebi pretende desligar-se de Ubirama e passar a pertencer a Agudos.

Circulam rumores que o Distrito de Borebi pretende desligar-se de Ubirama e passar a pertencer a Agudos. E por que? Porque a população daquele Distrito vem pleiteando melhoramentos e a Séde não está em condições de fornece-los, por absoluta falta de dinheiro.

Ora, é bem conhecido o estado precário economico dos municípios do Estado e, por vezes, debatido na Constituinte.

Se Ubirama não pode oferecer ao seu Distrito os melhoramentos almejados, que é, por assim dizer, a maior célula da sua integridade física, como, agora, Agudos poderia satisfazer os desejos de Borebi se o seu município também estiver em situação triste como a dos seus vizinhos?

A não ser que Agudos seja o município privilegiado, obtendo do governo recursos suficientes a fazer face aos seus compromissos: conservação

de ruas, jardins, estradas, etc. e mais o bastante para dar a Borebi o que vem pleiteando.

Havendo um fundo de verdade nos rumores em circulação, não passam de uma discordia da política interna de Borebi, ou Agudos está metendo o bedelho onde não lhe pertence.

Seja lá como fôr, cabe às autoridades de Ubirama acabar as intrigas de uma vez por todas. Por os verdadeiros pontos nos ii. E principalmente solicitar do sr. Bispo Dicesano a volta de Borebi à paróquia de Ubirama, uma das grandes causas que faz os borebienses voltarem-se mais para Agudos do que para a sua propria terra.

Essa atitude é até uma falta de patriotismo, desprezar a terra em que nasceram.

Mas, convem, que as autoridades locais tomem medidas terminantes a esse respeito.

quem possa interessar, mandei expedir o presente que será afixado e publicado na forma da lei. Agudos, 11 de Abril de 1946. Eu, Vicente Ferreira Silveira, escrivão, subscrevi. O Juiz de Direito, (a) José Teixeira Pombo. Está conforme.

O Escrivão

Vicente Ferreira Silveira

**ELIXIR DE NOGUEIRA**

É UMA DOENÇA GRAVÍSSIMA MUITO PERIGOSA PARA A FAMÍLIA E PARA A RAÇA. COMO UM BOM AUXILIAR NO TRATAMENTO DESSE GRANDE FLAGELO USE O

**ELIXIR DE NOGUEIRA**

A SÍFILIS SE APRESENTA SOB INÚMERAS FORMAS, TAIS COMO:

REUMATISMO  
ESCRÓFULAS  
ESPINHAS  
FÍSTULAS  
ÚLCERAS  
ECZEMAS  
FERIDAS  
DARTROS  
MANCHAS

**"ELIXIR DE NOGUEIRA"**  
CONHECIDO HÁ 65 ANOS  
VENDE-SE EM TODA PARTE.

«Medicação auxiliar no tratamento da sífilis».

## Iluminações Elétricas no município

Segundo os nossos cálculos aproximado, no município de Ubirama, existem trinta instalações elétricas.

Isso patenteia quanto é rica a hidrografia do município, fornecendo tamanha energia aos proprietários de suas terras.

FRACOS 2 - INEMICOS!  
Tomem:  
**VINHO CREOSOTADO**  
Do Ph. Ch. João da Silva Silveira

Empregado com exito nas:

Tosses  
Resfriados  
Bronchites  
Escrophulose  
Convalescências

**VINHO CREOSOTADO**  
é um gerador de saúde.

## Nosso campo de Futebol

O nosso campo de futebol esta passando por uma pequena melhora, ficando, assim, em condições mais atraente para as partidas futuras.

## EDITAL

De 2.a praça com o prazo de 15 dias e eventual leilão.

Eu, o dr. José Teixeira Pombo, Juiz de Direito desta cidade e comarca de Agudos.

Faço saber aos que o presente edital com o prazo de 15 dias virem ou dele conhecimento tiverem que, no dia 2 de Maio p. futuro, ás 14 horas, em frente ao edificio do Forum e Cadeia, nesta cidade de Agudos, sito á praça Tiradentes, o porteiro dos auditorios ou quem suas veses fiser levará em 2.a praça com o abastecimento legal de 20%, os bens penhorados a Antonio Patrignani, no executivo fiscal que lhe move a Fazenda do Estado, a saber desesseis alqueires de terras situadas na Agua do Caboclo, Seção Turvinho, do Nucleo Colonial Monção, município de Ubirama desta comarca, que, conforme laudo de avaliação, confrontam com terras de sucessores

de Antonio José Leite, Domingos Fogagnoli, Pedro Lot e Thomaz Martins, que foram avaliados pela quantia de Cr.\$ . . . 12.000,00 com o referido abatimento reduzida a importancia de Cr.\$ . . . 9.600,00. Dos respectivos autos consta uma certidão do Oficial do Registro de Imoveis desta comarca, da qual se verifica que os bens levados á praça se acham onerados por hipoteca constituída a favor do coronel Antonio José Leite que fez caução de seu credito hipotecario a Lara Campos & Cia., ficando assim, estes credores citados e intimados para defenderem seus interesses.

E assim serão ditos bens levados a praça no dia, hora e lugar acima referidos e arrematados por quem mais der e maior lance oferecer acima do preço de avaliação com o aludido abatimento, e, não havendo licitantes, em seguida serão postos em leilão e arrematados por quem mais der maior lance oferecer. E para que chegue ao conhecimento de

## Banco Nacional da Cidade de S. Paulo, S.A.

FUNDADO EM 1924

Capital . . . . . Cr. \$ 12.300.000,00  
Fundos de Reserva . Cr. \$ 17.505.595,40

SÉDE CENTRAL: São Paulo -  
Rua São Bento, 341

FILIAIS:  
Curitiba, Rio de Janeiro e Santos.

AGENCIAS: Barra Mansa (Estado do Rio) — Araucária - Botucatu (Estado de S. Paulo) — Cambará (Estado do Paraná)—Campinas-Cruzeiro—Jaboticabal — Jacareí — Jaulorena— Mogí das Cruzes — Mogí Mirim-Pinhal — Piracicaba — Presidente Prudente — Santa Cruz do Rio Pardo — Santo André — Sertãozinho — Taubaté - Ubirama (todas no Estado de São Paulo) e Agências Urbanas Central, Norte (Brás) e Oeste (Luz).

### Taxas para Contas de Depósitos

C/C. Movimento Juros 3% aa  
C/C. Limitadas Juros 5% aa.  
Depósitos a Prazo Fixo e com Aviso Prévio — taxas especiais a combinar.

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Agência em UBIRAMA: Rua 15 de Novembro, 779

# FUTEBOL

Esta tarde o C. A. Lençoense enfrentará o Noroeste em Bauru

Disputando a sua terceira partida do atual campeonato, o C.A. Lençoense jogará, esta tarde, em Bauru, enfrentando o afamado Noroeste.

Outro pesado compromisso que os nossos rapazes terão que resolver na Capital da Terra Branca, combater o Noroeste, um dos grandes valores do futebol do interior e forte candidato ao título interiorano.

Todavia, assim mesmo, temos certeza, a valerosa equipe lençoense apresentará-se á disposta a não se deixar vencer facilmente, não obstante ter que lutar contra os fa-

tores, campo e torcida.

Os lençoenses reconhecem as possibilidades dos seus afamados adversários, mas também sabem que, esta tarde, poderão levantar os laureis da vitória. E um triunfo lá será meio caminho andado para o primeiro posto desta região.

Será difícil porem não impossível.

O tecnico Sandro, segundo fomos informados, escalará o quadro a ultima hora, e que provavelmente será estes: Oberdan, Imparato e Li-mão; Belfare Hilmo e Nuccio; David, Bizzorro, Mano, Pipoca e Titi.

## O novo técnico do Clube Atlético Lençoense

Repercutiu profundamente nos circulos esportivos Ubiramense, a vinda do popular esportista Sandro, consagrado profissional que militou nos mais afamados Clubes de S. Paulo e do Rio.

E nós que acompanhamos de perto o andamento técnico da nossa equipe, compreendemos o valor dessa grande aquisição dos nossos diretores.

Porque indiscutivelmente, possuímos um onze que individualmente nada tem a perder dos mais renomados craks que defendem o futebol interiorano.

O que eles necessitam é simplesmente um padrão de jogo proprio, por meio do qual possam se locomover na cancha tal como um complicado maquinismo de relógio.

E quanto a isso, ficamos tranquilos, pois não deve faltar ao conhecido e veterano Sandro, os ensinamentos que por experiencia propria lhes foram induzidos pelos mais destacados técnicos do futebol brasileiro.

Eis portanto o melhor e mais avantajado passo dado pelo C.A. Lençoense, que com grande alegria foi recebido por todos os afeicionados do esporte bretão em nossa terra.

## Alfaiataria Cicconi

(Confeções a Capricho)

### Giovanino Cicconi

Mantem sempre em estoque linhos nacionais e estrangeiros, casimiras de alta qualidade.

Rua 15 de Novembro, 583 - Est. S. Paulo

UBIRAMA

## SANDRO ASSUMIU A DIREÇÃO TECNICA DO CLUBE A. LENÇOENSE.

Desde terça feira ultima, o conhecidissimo ex-craque Sandro assumiu a direção tecnica do C. A. Lençoense.

Sandro, que fez parte na equipe titular do ex-Palestra, Fluminense e integrou um dos bons quadros italianos hoje se acha entre nós, com a incumbencia de treinar as nossas equipes.

Não desfazendo os trei-

nadores anteriores, temos certeza que com a direção tecnica de Sandro, o nosso futebol melhorará sensível e paulatinamente, pois ele é um perfeito conhecedor do manejo da pelota e quanto uma equipe precisa para satisfazer as exigencias de um onze que atualmente disputa o Campeonato do interior.

## ESCRITORIO COMERCIAL "OLIVEIRA"

Depart. Com. e Contabil.

Alfredo O. Capucho

Rua Tibiriçá n. 530  
Caixa Postal, 9 — UBIRAMA

Depart. Juridico.

Dr. JOÃO FERREIRA SILVEIRA

Rua 13 de Maio N. 261

AGUDOS

## Bar e Restaurante «PAULISTA»

- DE -

### Vitorio Coneglian

Bebidas nacionais e estrangeiras, doces, petisqueira á toda hora.

Rua 15 de Novembro, 813

Fone, 60

UBIRAMA

Precisamos acabar com os cães vadios.

Urge que a prefeitura tome medidas urgentes no sentido de acabar com a existencia, na cidade, de cães vadios. Pois, como é de conhecimento de muita gente, um cão hidrofobo mordeu seis a sete pessoas entre grandes e pequenos, como também atacou inumeros cães, que atualmente estão as soltas nas ruas.

Isso durante a semana passada. E como é natural, dentro em pouco, haverão outros cães loucos mordendo gente, obrigando a um serio e custoso tratamento, não obstante ser crença geral de que as injeções são fornecidas gratuitamente.

Entretanto, consultem quem do Instituto Pasteur trouxe o preparado.

## Dr. João Paccola Primo

MÉDICO

Clinica geral de adultos e crianças - Cirurgia - Partos

Doenças do Ouvido, Nariz e Garganta

Ex-interno por concurso do Pronto Socorro do Rio de Janeiro — Ex-interno por concurso da Maternidade do Hospital São Francisco de Assis á cargo do Dr. Aguinaga. — Ex-interno residente da Casa de Saúde São Jorge (Rio de Janeiro)

Caixa 35 — Fone, 48 — UBIRAMA — Estado de São Paulo

## Qual Será o Seu Tique?

A palavra Tique tem diversos sinonimos: sestro, trajeito, cacete, gesto e outros.

É interessante notar que todas as pessoas possuem o seu Tique. As vezes até elegante, mas outras não passa de um mau habito corporal. E ha Tiques comuns a pessoas e mesmo a sexos.

Comumente, vemos uma jovem pegando constantemente nas contas do seu colar, piscar, fazendo cair o canto da boca etc.

E assim, tambem, vemos moços, quando em palestras principalmente, tamborilando com o calcanhar do pé direito sobre o pavimento, passando frequentemente a mão no cabelo, espichando o pescoço no sentido de arrumar a gravata, ou ainda, enfiando as mãos nos bolsos da calça e dando solavancos para cima.

Como disse, ha Tiques que realçam a elegancia, porem outros não ridiculos.

Quando o Tique é mais um descuido ou vicio, sendo-nos prejudicial é facil corrigi-lo. Todavia, pertencendo-nos quasi como hereditariedade dificilmente poderemos deixa-lo.

O Tique pode ser a causa de nos tornar a pessoa mais antipatica do meio social em que vivemos.

Portanto, cuidado com ele. E qual será o seu, amigo leitor?

**LISSER**

## Aniversários

Fez anos:

No dia 23 do corrente, o menino Osvaldo Estrela.

Fazem anos:

Hoje, a menina Rose Mary, filha do sr. Alexandre R. Paccola e d. Elza Guirotti Paccola.

Dia 29, o jovem Jerson Giacomini e a sta. Olinda Lorenzetti.

Dia 30, a menina Jeanette Fayad.

Dia 1, a jovem Elza Segalia, a sta. Ida Lorenzetti, a menina Maria de Lourdes Ciccone, o jovem Egidio Briquese, residente em S. Caetano; o jovem Argemiro Paccola, e o menino Carlos Alberto, filho do sr. Angelo Paccola Primo.

Dia 2, A jovem estudante Marilia Bosi, filha do sr. Silvio Bosi e d. Regina P. Bosi; a sta. Elza Baccili, a menina Maria Mafalda, filha do sr. Lidio Bosi, e d. Carolina P. Bosi; a sra. Leonilda P. Coneglian, esposa do sr. Vitorio Coneglian, e a menina Rosa, filha do sr. Angelo Stanguini.

Dia 3, a sra. Angelica P. Capoani, esposa do sr. Silvio Capoani.

Dia 4, a sra. Alice Coneglian, o sr. Armando Batistella, o sr. Marino de Santis, a menina Luci Clari filha do sr. Angelo Augusto Paccola e d. Jupira de Oliveira Paccola; o sr. Francisco Radicchi, a sra. Alayde Moreto, a menina Neuza Giacomini, filha do sr. Elidio Giacomini e d. Barbara M. Giacomini; a menina Neuza Coneglian, e o menino Gervasio Paccola, filho do sr. Armando Paccola e d. Iracema L. Paccola, residentes em Lins.

## Despede-se

Tendo que transferir sua residencia para a cidade de Ourinhos, por intermédio desta folha, o sr. Alcides Ribeiro da Silva despede-se dos seus amigos e conterraneos.

## Queixas

Temos recebido inúmeras queixas formuladas em cartas e assinadas unicamente por pseudônimos.

Avisamos que toda e qualquer queixa, ainda que traga o pseudônimo, só será publicada quando assinada no verso pelo responsável.

## Suplemento do "O E'co"

Avisamos os nossos amigos e leitores que continuaremos remetendo o Suplemento do "O E'CO" às pessoas que nos contemplarem com a sua assinatura.

E como já tivemos ocasião de publicar, a mesma poderá ser efetuada independentemente da assinatura do "O E'co".

## Festas do mês de Maio.

No proximo mês de Maio, realizar-se-ão, nesta cidade, grandiosas festas em beneficio das obras da nova Igreja Matriz.

Naquele mês terá lugar tambem o anunciado leilão de gado. Mais de 100 cabeças serão postas à venda.

## Jardim da Infância e Escola Doméstica.

Temos conhecimento que a edificação do prédio do Jardim da Infância e Escola Doméstica terá inicio ainda este mês.

## Banco Nacional da Cidade de S. Paulo.

Em bela e pequena brochura, da agencia local, recebemos o Relatório e Balanço do Banco Nacional da Cidade de São Paulo, correspondentes ao ano de 1945.

## Acentuou-se ainda mais a falta de casas residenciais nesta cidade.

Com a vinda da pro palada Usina de Açucar e em virtude do seu progresso, acentuou-se ainda mais, nestes ultimos meses, a falta de casas residenciais na cidade.

Neste caso, urge que os senhores capitalistas empreguem dinheiro tambem em edificações de predios, porque nessa marcha, ninguem mais podera vir morar em Ubirama, no futuro.

## Afim de felicitar o novo Presidente do Instituto do Açucar e do Alcool seguirá uma comissão de canavieiros ao Rio de Janeiro.

Afim de felicitar o novo presidente do Instituto do Açucar e do Alcool, dr. Esperidião Lopes de Faria Júnior, uma comissão de canavieiros seguirá ao Rio de Janeiro.

A comitiva seguirá viagem nos primeiros dias do mês de Maio.

## Casas velhas na entrada da cidade - Prédios que devem ser demolidos imediatamente.

Entre as inumeras causas que temos debatido em prol de Ubirama, não descuidamos de incluir tambem a existencia das casas velhas. E com isso, muitas foram postas a baixo e outras ainda continuam de pé, como amostra de quanto esta cidade carece.

Para quem vem de Agudos na entrada da cidade, existem velhos prédios que representam uma grandiosissima vergonha para a nossa «Urbs.»

E não sabemos qual é o motivo dos seus proprietarios, de não se enconodarem com os mesmos, visto estarem ruindo aos poucos e o material, que poderia ser aproveitado, estar se perdendo.

Talvez seja um capricho, porque, alem de exposto, são casas que podem ocasionar sérios incendios e atingir quarteirões habitados, por serem elas alberques de vagabundo e, às vezes alcoolizados.

E depois, é simplesmente vergonhoso, tanto para o proprietario dos prédios em apreço, como para a nossa administração publica.

## Noticias de Aviação

(Serviço Especial do CEC para "O E'CO".)

Mais um dos heróis da FAF acaba de dedicar-se às atividades da aviação comercial. Trata-se do capitão Stewart Tudor, D. S.O., responsável por mais de 35 missões de bombardeio sobre territorio alemão e dos paizes ocupados. O capitão Tudor seguiu recentemente para a India, onde pretende inaugurar os seus escritorios como representante especial da SBAC, isto é, Society of British Aircraft Constructores, afim de ali intensificar a venda dos produtos de sua representada.

Assinem Leiam e Propaguem «O ECO»

*Dr. Antonio Tedesco*

MÉDICO

CLINICA GERAL — OPERAÇÕES — PARTOS

Floriano Peixoto, 345 — UBIRAMA — Fône, 61

30 DE ABRIL DE 1858

## A PRIMEIRA LINHA FERREA DO BRASIL

Em 15 de julho de 1858, "The London Illustrated News", a mais antiga revista ilustrada que se edita em Londres, publicou, em torno de uma gravura de que damos aqui uma reprodução, as seguintes linhas:

"A 29 de agosto de 1852, S. M. o Imperador do Brasil traçou sobre o chão do seu país o sulco por onde devia trilhar o primeiro caminho de ferro construído em seus domínios.

Já dessa interessante notícia temos conta em nosso número de 6 de novembro do mesmo ano: cabe-nos agora relatar o complemento da obra então projetada. Está apenas concluída a parte da estrada, que vai do porto de Mauá, em frente da baía do Rio de Janeiro, à base da cordilheira de montanhas, que correm paralelas à costa, devendo continuar até o rio Paraíba e, finalmente, até São Francisco, a realização de tão gigantesca empresa, de tantas e tão bem fundadas esperanças para o país.

A inauguração dessa estrada de ferro, que tanto promete para o futuro, teve lugar a 30 de abril, com as cerimônias e solenidades que a importância de semelhante fato reclama.

As tendências progressistas e o apreço que os brasileiros ligam a toda a sorte de melhoramentos materiais foram nesta ocasião altamente manifestados; e agora, que por si mesmo testemunharam as vantagens das vias férreas, aproveitarão fervorosamente os recursos dos férteis terrenos de seu país, até então absolutamente desaproveitados.

Logo pela manhã partiram da cidade do Rio de Janeiro barcos de vapor e falúas carregados de espontâneos passageiros, que, ansiosos, anelavam tocar em Mauá, antes da chegada de Suas Majestades e sua corte.

A hora marcada atracou o vapor que conduzia Suas Majestades; uma girandola de foguetes anunciou seu desembarque; bandeiras de diversas nações flutuavam nos ares; estrondosas saudações faziam-se ouvir de mistura com os acordos de uma música marcial.

Duas longas alas de pessoas notáveis do Império tinham-se postado na ponte, almejando, como prova de homenagem, beijar as augustas mãos de Suas Majestades Imperiais, na ocasião de passagem.

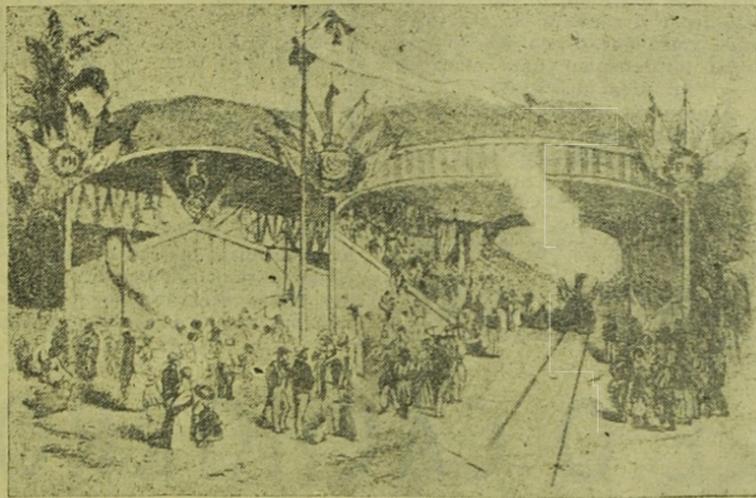
Suas Majestades foram recebidas pela diretoria da estrada de ferro e conduzidas logo depois ao lugar que lhes estava destinado.

Um dos grandes armazéns de ferro tinha os espectadores, ficando no centro colocados os tronos do Imperador e da Imperatriz, a capela e o altar onde o bispo tinha de celebrar e, finalmente, os lugares para os ministros de Estado e corpo diplomático.

Quando os augustos visitantes tomaram o lugar que lhes tinha sido reservado, começou o cerimonial da bênção das locomotivas, executado pelo bispo o clero, ao som de música solene e apropriada ao ato.

As locomotivas, que tinham estado à espera na estação, partiram, então: uma como guia, a cargo de Mr. E. B. Webb, engenheiro da companhia; outra, guiada por Mr. William Bragge, engenheiro-chefe, puxando um trem de wagons, um dos quais tinha sido suntuosamente ornado para a família imperial e para os ministros.

O imperador e a imperatriz foram conduzidos a seus carros pelo Sr. Irineu Evangelista de Souza, criador e presidente da companhia de estradas de ferro; outro carro, ocupado por numerosos convida-



Estação Leopoldina em 1858

dos, partiu entre estrondosos vivas de uma multidão atônita e cheia ao mesmo tempo de entusiasmo.

Seguia o terceiro carro a cargo de Mr. Charles Bolfe, que foi o construtor do telégrafo elétrico dessa estrada de ferro. Piquetes da guarda nacional estavam dispostos, com intervalos regulares, ao longo da linha; e tôdas as eminências apinhadas de espectadores.

A chegada do trem ao Fragofo foi saudada com uma girandola; Suas Majestades e sua comitiva

aparearam e tomaram alguns refrescos, voltando logo depois e na mesma ordem para Mauá, caminhando o trem, em algumas distâncias, na razão de 35 milhas por hora.

O Imperador e a Imperatriz, ao aparearem-se, manifestaram a viva satisfação de que se achavam penetrados e a agradável impressão que lhes causara o novo meio de transporte.

O empresário da estrada de ferro dirigiu-se então a S. M. o Im-

perador e discorreu eloquentemente sobre as vantagens que as estradas de ferro trariam ao Império, acrescentando:

"Este caminho de ferro, senhor, não será destinado a circunscrever-se dentro dos atuais limites; e se me é lícito contar com a proteção de V. M. Imperial, êle certamente não terminará sem que sua mais vasta estação seja colocada na margem esquerda do Rio das Velhas. Ali se acumularão, para ser transportadas ao mercado do Rio, essas imensas massas de produção, com que contribuirá para a prosperidade pública, a região banhada por essa importante artéria fluvial do Rio S. Francisco. Será então, senhor, que a majestosa baía, cujas águas banham as costas da capital do Império verá seus espaçosos e abrigados ancoradouros cobertos de inumeráveis navios. Então, senhor, será o Rio de Janeiro o centro do comércio, indústria, da saúde, da civilização e da força, nada tendo que invejar a lugar algum do mundo".

S. M. dignou-se responder:

"Os diretores da Imperial Estrada de Ferro de Petrópolis e da Companhia de Navegação a Vapor podem ficar certos de que por igual compartilho o seu regosijo na estréia de uma empresa que tem de animar tão grandemente

o comércio, as artes e a indústria deste Império".

O imperador conferiu, nessa ocasião, ao Sr. Irineu Evangelista de Souza o título de barão de Mauá, em reconhecimento dos serviços prestados à sua pátria.

Acompanhado pelo Sr. barão de Mauá e pelo engenheiro-chefe, Mr. Bragge, Sua Majestade inspecionou depois as obras da linha e examinou com minucioso interesse a construção das locomotivas.

A estação tinha sido decorada e nela se achava servido lutoo banquete, em que o Imperador e sua comitiva, assim como as pessoas mais gradas, tomaram parte; entretanto, outros trens partiam para entretenimento dos espectadores".

E o articulista inglês acrescenta: "Quando refletimos que as obras deste caminho de ferro foram executadas no curto espaço de vinte meses, debaixo dos ardentes raios de um sol tropical e a tão grande distância de Inglaterra, não podemos regatear louvores àqueles que se abalançaram a semelhante empreitada.

Felicitemos sinceramente os brasileiros pelo nobre espírito que desenvolveram no começo dessa obra de tanta magnitude".

Hoje o antigo "Imperial Caminho de Ferro de Petrópolis" é a estrada de ferro Leopoldina.

### QUIMÉRA OU REALIDADE?

## A VIAGEM À LUA

Um sonho de Júlio Verne visto pela Ciência — Um homem de 70 quilos, se fôsse à Lua, pesaria apenas 11 quilos e meio — Viagens que a Ciência promete realizar dentro de 20 anos — O turismo interplanetário

Duas realizações científicas de grande alcance, que talvez possam provocar profundas alterações na vida humana, foram estabelecidas em fevereiro deste ano. A primeira, foi o estabelecimento de contacto com a Lua por meio do radar e a segunda, também por meio de rádio-localização, do sol. Estas experiências estão sendo feitas como parte conjunta de um plano de pesquisas, nas quais as maiores interessadas são a astronomia e a astro-física.

#### O PROBLEMA DA LUA

Como se sabe, a Lua é um satélite da Terra, que gira em torno do globo com a velocidade de um quilômetro por minuto. Sua distância é de 384.382 quilômetros. A força da gravidade na superfície da Lua é de um sexto da terrestre. Por exemplo, se um habitante da Terra fôsse transportado à Lua seria capaz de suspender pesos 6 vezes maiores do que é capaz de sustentar aqui. Um homem pesando 70 quilos em nosso planeta, quando na Lua, não pesaria senão 11 quilos e meio.

Agora que o radar conseguiu estabelecer contacto com o nosso satélite, a astronomia terá oportunidade de solucionar um grande problema que há mais de um século preocupa a todos os sábios.

Constatou-se recentemente uma coisa que deixou a todos os homens perplexos: que o único relógio natural, considerado como absolutamente constante em seu movimento, a Terra, possui uma marcha irregular.

Há mais de um século vinham sendo o tormento dos astrônomos as irregularidades observadas no movimento da Lua, de maneira que muitas delas não podiam ser

previstas com antecedência. Para este estudo, partia-se da suposição de que a rotação da Terra era de uma constância rigorosa.

Quem primeiro suspeitou de que era a Terra e não a Lua a responsável de algumas dessas irregularidades, foi o astrônomo norte-americano Newcomb, em 1878. Antes de Newcomb atribuía-se a chamada "aceleração secular" da Lua à progressiva diminuição da rotação terrestre, a causa da fricção exercida pelas marés, as quais se movimentam pela superfície de nosso globo em sentido contrário ao do movimento diurno.

Acreditava-se, ainda, que este atraso se revestia de absoluta regularidade, isto é, efetuava-se sem saltos. Newcomb, porém, com suas pacientes observações sobre os movimentos da Lua, suspeitou de que a coisa não transcorria assim, mas que na rotação terrestre é que existiam os saltos. Mas, para resolver este problema, foi necessário observar cuidadosamente os movimentos de outros astros, sobretudo, de Mercúrio, de Venus e de Júpiter, para ver se apresentavam irregularidades parecidas às da Lua.

Ao sucessor de Newcomb, nesses estudos, o astrônomo Brown, depois de calcular, 1.500 causas de perturbações no movimento da Lua, coube a glória, em 1927, de poder demonstrar de maneira irrefutável a realidade dos saltos na rotação terrestre, suspeitados por Newcomb.

Examinando as observações antigas da Lua à luz da nova teoria, comprovou que entre 1830 e 1936 se produziram sete saltos bruscos, além de outros menores, no período da rotação terrestre, sendo o mais notável o de 1897, que pro-

(Conclui na oitava página)



Uma parte da Lua tal como aparece diante de um poderoso telescópio

# LADRÃO CONTRA A VONTADE

O herói das aventuras que vamos narrar, chama-se Edward E. Grimmell, tem vinte e cinco anos de idade, nasceu em Nova York, e é filho de uma família respeitável. A sua infância foi tranquila e estudiosa, e a adolescência perfeitamente equilibrada. Aos dezesseis anos, porém, quando era considerado como um ótimo discípulo, fez-se expulsar da escola.

Em meio de sincero pranto, jura não saber como explicar a causa dos seus latrocínios. Desesperado, diz: "Uma força irresistível me compeliu".

Seu pai, supondo que a vida da cidade exerça sobre Edward uma influência nociva, manda-o para o Oeste, onde possui umas vastas explorações agrícolas. A vida sã e rude dos campos, será salutar para o adolescente. Dois anos se passam, vivendo Edward em meio dos pastores, os quais lhe apareciam a força, a ponderação e a valentia. Regressa a Nova York e vai trabalhar nos escritórios paternos. Dois meses mais tarde, põe o nome do pai num cheque de dez mil dólares e vai ao banco recebê-lo.

Interrogam-no e o pobre rapaz desespera-se, como anteriormente. Julgam-no louco e para o examinar, vêm todas as celebridades novaiorquinas, que o declaram bom. Passa-se algum tempo e uma bela manhã, os jornais relatam um roubo cometido com uma audácia espantosa. Um rato de hotel introduz-se uma noite numa casa de cambio, arromba um cofre e carrega títulos e valores consideráveis.

Os mais hábeis detetives não conseguiram descobrir o ladrão. A expectativa era enorme, mas transformou-se em nota sensacional quando os jornais relataram que o ladrão tinha sido Edward E. Grimmell, o qual se havia ido entregar á policia. Diante dos juizes repete invariavelmente:

— Não sei porque motivo roubei. Sou rico. Uma força invencível me compeliu a cometer este novo roubo.

Condenado a dez anos de reclusão, foi enviado para os presídios de Buffalo.

Na solidão do seu encêrro, reflete no seu tremendo e estranho destino. Honrado, profundamente honrado, apesar das aparências que o condenaram, possuidor de uma fortuna que o pôs ao abrigo de todas as tentações, como pôde chegar até aquela depreciação?

O diretor da prisão, a quem Grimmell falou várias vezes, comoveu-se com aquela desventura e, se bem que todas as celebridades médicas de Nova York, houvessem declarado que Grimmell era sã de espírito, e portanto, consciente da sua responsabilidade, apesar disso, chamou o dr. Wilcol e pediu-lhe que observasse o encarcerado.

O médico interrogou o jovem Edward, preocupando-se com a sua ascendência, mas não descobriu nenhuma dessas taras fisiológicas que podem explicar uma loucura passageira e estava quase a opinar como os seus colegas de Nova York, quando um dia, ao apoiar casualmente a mão sobre o crânio do detento, notou uma ligeira protuberância.

Grimmel explicou que, por volta dos catorze anos de idade, o pai de um dos seus camaradas, com o qual estava brigando, lhe deu uma ripada.

O dr. Wilcol, não deu a perceber que o incidente lhe despertara a atenção, e dirigiu-se a Nova York, onde falou com algumas pessoas que conheciam Grimmell antes daquela época. Todas foram unânimes em declarar que, a partir daquele tempo, se tinha operado uma transformação no caráter e humor de Edward. Torna-

ra-se taciturno, extravagante, caprichoso, incompreensível. Cometia atos absurdos, dos quais era o primeiro a assombrar-se, depois de os ter praticado.

De volta de Buffalo, o dr. Wilcol, persuadido de que a ripada constituia a causa da decadência moral do seu cliente, decidiu, com o assentimento do diretor da prisão, operar Edward.

Sob a cicatriz da antiga ferida, descobriu que o crânio havia-se tornado muito espesso, exercendo uma pressão contínua sobre o cérebro. Raspou-lhe o osso e, após alguns dias de convalescença, Grimmell mostrou-se modificado no humor e caráter. Alegre, olhos expressivos, gestos calmos e voz natural.

O dr. Wilcol e o diretor da prisão subscreveram um pedido de indulto, em virtude de cuja concessão, foi Edward posto em liberdade. Vive em Nova York uma existência normal e depois que lhe operaram a protuberância não tornou a roubar.

A ciência corrigiu o cleptomano.

## MISTÉRIOS DA NATUREZA

Sabemos, pela Física, que, submetidos à forte pressão, os corpos mudam não raro de propriedades.

O ar líquido obtém-se submetendo-se à pressão o oxigênio. Este se apresenta então sob a forma de um líquido que queima de tão frio que fica. Mergulhando-se nele um rato, o animal torna-se duro como uma pedra.

Mas as fortes pressões produzem maravilhas mais espantosas ainda, com aplicações práticas nas usinas. Por exemplo, o aço torna-se elástico e o cautchú, ao contrário, mais duro que o aço. Já foi possível impressionar uma placa de aço com uma matriz de cautchú.

A parafina adquire também uma consistência incrível. Com uma vela já foi possível perfurar uma placa de aço.

Os líquidos tornam-se sólidos. O óleo, por exemplo, endurece por tal forma, que pode cortar uma barra de aço.

É mais uma prova de que os homens ainda estão longe de conhecer todos os mistérios da natureza!

# Coelho Neto e o Teatro Nacional



Entre os nomes mais notáveis da literatura teatral brasileira e contemporânea avulta o de Coelho Neto, desaparecido prematuramente do carinho da sociedade

e da família que o tinham em profundo respeito e acrisolado devotamento. Desapareceu o homem, o chefe, o escritor, o mestre, o amigo, mas o seu nome ficou e ficará na história das nossas letras como um padrão glorioso de cultura e erudição.

Coelho Neto foi o verdadeiro sacerdote das letras pátrias. Escrito, de invulgar imaginação, exprimia-se sempre com elegância, graça e originalidade. O seu vocabulário era rico e copioso, o seu dizer correto, o seu estilo, limpo, colorido, cristalino. Num concurso, realizado em 1928, foi eleito príncipe dos prosadores brasileiros. Dotado de um talento vigoroso em jorros de eloquência no discurso, como em rasgos veementes na sua pena, doutrinava, instrua, abria novos caminhos às idéias novas, dando-lhes forma, vida, objetivando-as, enfim. E esse super-homem (assim se o pode classificar) foi o produto do seu próprio esforço.

Nascido na cidade de Caxias (Maranhão) em fevereiro de 1864, foi para o Rio, onde fez o curso de humanidade, no Colégio Pedro II, do qual mais tarde foi professor.

Quis estudar medicina e, por isso, se matriculou nessa Faculdade. Verificando, posteriormente, que não tinha vocação para a ciência médica, transportou-se para São Paulo e cursou, até o terceiro ano, a Faculdade de Direito. Não se bacharelou, porém. Motivos de ordem particular fizeram-no abandonar o curso de direito e fez-se jornalista.

Na imprensa, venceu a golpes de talento. Iniciou a sua vida literária na "Cidade do Rio" de José do Patrocínio, tomando parte notável no movimento abolicionista. As suas crônicas, os seus artigos eram disputados e os seus livros mereceram várias reedições, tal o primor com que eram escritos, a beleza que encerravam. Numa época em que o Brasil ainda não lia, deixando as obras dos nossos escritores nos arquivos das livrarias, as produções de Coelho Neto eram obtidas com rara preferência.

Entretanto, esse homem extraordinário, esse escritor emérito, pouco escreveu para o teatro e as poucas obras que deixou se resentem da falta de teatralidade. Não sabia escrever para as massas. Era um escritor das elites, e a literatura teatral por ser das mais difíceis, a nosso ver, requer uma linguagem mais clara, mais simples, mais acessível às diferentes camadas sociais.

Das suas peças, as mais apreciadas foram a "Muralha", o "Dinheiro" e o "Quebranto", sendo que esta proporcionou, ao nosso querido e saudoso Leopoldo Fróis, uma das suas mais legítimas criações no papel de um fazendeiro do Amazonas. Era Coelho Neto membro da Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira de Álvares de Azevedo. Foi deputado federal em diversas legislaturas pelo seu Estado natal. Tinha várias condecorações, inclusive a de Cavaleiro de São Tiago do governo português.

Foi, durante muitos anos, diretor do Ginásio de Campinas, em S. Paulo e a morte o surpreendeu no posto de diretor da Escola Dramática Municipal do Rio de Janeiro.

(De "A Noite")

## O MELHOR ELOGIO

Perguntaram a Rossini, durante um concerto de Liszt, se o grande pianista havia cometido algum engano.

— Não sei — respondeu Rossini. — Liszt executa tantas notas num minuto que não posso acompanhá-lo com o ouvido...

# O POBRE E O CACHORRO

JUANIN era um dos tipos mais populares de Lujan. Havia muitos anos já que o seu emprego era pedir esmola.

Era velho, muito velho, porém mais envelhecido pelo álcool, que pelos oitenta e seis anos que contava.

De fonte certa, ninguém sabia porque lhe chamavam Juanin, nem qual o nome de família. Talvez tivesse sido batizado com o nome de Juan... para toda a gente era Juanin, o italiano. Veio de uma aldeia longínqua, moço feito, e há quem afirme, em Lujan, que não trazia a menor ambição de fazer fortuna.

Contam que uma tarde, excitado pela bebida, Juanin disse alguma coisa da sua juventude. Enquanto tagarelava sobre as recordações do passado, os olhos do velho beberrão, brilhavam com estranho fulgor.

Não sei que história referiram de uma formosa aldeia e de um predileto traidor...

Todo o mundo, em Lujan, simpatisa com ele, e é o pobre predileto das senhoras.

Anda sempre acompanhado por um cachorro bonito, o Leão, amigo inseparável e, por assim dizer, toda a sua família.

Um belo dia, a sorte sorriu-lhe. Ganhou dinheiro, muito dinheiro, na loteria; tanto como quarenta mil pesos. Um outro teria, talvez, arranjado pão para toda a vida. Mas o rude campesino tinha uma lírica e despendeu ou esbanjou — segundo dizem — todo o dinheiro em viagens através da República Argentina. Conheceu as soberanas belezas da Cordilheira, os encantos dos laranjais em flor de Tucuman, o mistério das selvas do Chaco, a magia do Iguassú e dos lagos do sul, a fascinação deliciosa das ilhas do Paraná... até que um dia se encontrou com uma caudal formidável de recordações... e sem uma moeda de níquel.

Decidiu-se, então, a trabalhar e entrou com o modesto jornalista em uma fábrica de Lujan.

Um domingo, com a vista perturbada pelo álcool, ao pretender

Conto de CLEOPATRA CORDIVIOLA — Tradução de EDUARDO VITORINO

tomar lugar no trem, caiu debaixo das rodas do vagão e perdeu uma perna. O patrão que praticava simplesmente a doce doutrina de Jesús, vendo em cada homem um irmão, deu-lhe um quarto com uma cozinha, para que acabasse ali os dias da sua vida. Isto há uns dezolito anos seguros. Pouco tempo depois, começou Juanin a aparecer á porta das igrejas a pedir esmola. O aspecto simpático do velho e a sua invalidez valeram-lhe a preferência esmolar de vizinhos eromeiros.

A sua subsistência ficou assegurada.

Bela, até para quem teve a desgraça de a perder...

Dissemos já que o Leão, um bom cachorro, constituia toda a sua família. No afeto que os une há qualquer coisa de comovedor.

Um dia, uma criança, filha de uma senhora de boa posição, engraçou-se com o cachorro que estava tranquilamente deitado aos pés do velho mendigo e pediu cheia de vontades:

— Mamãe, compra-me esse cachorro. Quero que m'o compres! A senhora, dócil ao capricho do pequenito, intentou fazer a compra.

— Se eu fôsse milionário e lhe oferecesse um milhão de pesos por essa criança — e apontava para o caprichoso menino — a senhora dar-ma-ja?

A senhora protestou:

— E' meu filho, e não um cachorro!

— Perfeitamente! Leão também é para mim um filho... uma mãe... uma irmã... tudo senhora!

Parece que, nesse instante, a senhora compreendeu a situação, mas alguém que presenciou a cena ouviu-a murmurar, ao afastar-se:

— Pobre velho, deve estar louco! Entretanto, Juanin falava alegremente com o cachorro.

— Ouviste, meu Leão? Queria comprar-te com uma mísera nota de cinquenta!

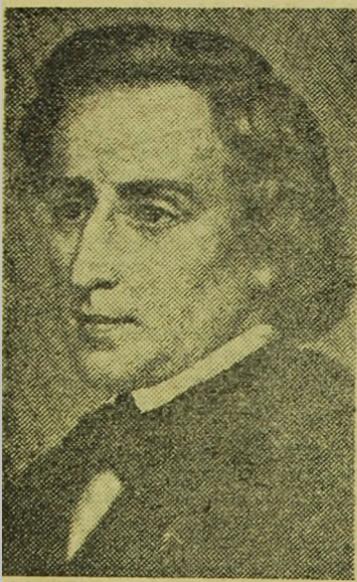
E, sem suspeitar que traduzia para o feminino a mesma frase da senhora, concluiu:

— Pobre senhora, deve estar louca!

## DEPÓSITO DE SAL

A ilha Avery, nas costas do Estado de Luisiânia, pode chamar-se "ilha do sal", pois contém o maior e o mais antigo depósito salino do hemisfério ocidental.

Este depósito de sal não é tão extenso quanto profundo, pois tem uma profundidade calculada em vários milhares de metros. A produção de sal atinge um bilhão de quilos.



cômica, que não pôde deixar de inspirar um sorriso da assistência. O governador perguntou a Chopin porque olhava para cima quando tocava, como se seu olhar vagasse em um país de sonho e de quimera.

— Sempre presto atenção, excelência, nas poses que adotam os grandes poetas e compositores.

## CHOPIN ÍNTIMO

Esta resposta ingénua provocou hilariedade, mas é longe de preocupar-se, permaneceu impávido, convencido de que seus conceitos eram respeitáveis — intuição maravilhosa do gênio em potência.

Mas a infância do músico não está plasmada apenas nesses detalhes, nos que se referem à sua vocação, ao seu amor pela arte unidos à sua condição humaníssima de amigo dos humildes.

Nem na infância, nem na adolescência, Chopin jamais deixou-se cegar pelo orgulho. Antes pelo contrário.

Conta-se a esse respeito que durante uma viagem na clássica diligência, pararam no caminho para trocar os cavalos. Enquanto se fazia a troca o pequeno entrou na hospedagem rústica, adivinhando mais do que vendo um piano em um canto escuro. Acuriosou as teclas polvorentas e viu que soavam desafinadas, parecendo lançar gemidos em vez de notas. Mas, mesmo assim começou a tocar trechos dispersos de coisas ouvidas, cujas reminiscências passavam ao asar pela sua cabeça. Um velho que atiçava o fogo da chaminé aproximou-se e ficou estático perto do piano, seu exemplo foi seguido por outras pessoas, que, pouco a pouco foram se aglomerando sem que Chopin desse por isso. Repentinamente o encanto foi rompido pela voz rude do cocheiro que anunciava a saída da diligência. Só então Chopin percebeu o numeroso público que o ouvia com devção. Ficou um instante indeciso e riu. Então o estalajadeiro, entusiasmado, animou-se a pedir-lhe em tom de súplica

que execute outra música, promette-lhe em troca ordenar que coloquem na diligência os melhores cavalos existentes nas redondezas, muito superiores aos que já estavam atrelados. Chopin consultou com o olhar seus acompanhantes, como solicitando um consentimento que a todos encheu de entusiasmo novamente deliciou o au-

ditório que, sem palavras para agradecer-lhe, levou-o em triunfo até a diligência.

Mas deixemos a infância do compositor precoce e interprete máximo do piano para referirmo-nos a alguns aspectos anedóticos de sua vida.

A maior emoção sofrida por Chopin foi o rompimento com Jorge Sand, a célebre escritora francesa.

Não é fácil de compreender como Chopin pôde se apaixonar de tal modo por u'a mulher que segundo dizem era uma verdadeira féra.

Certa tarde disse-lhe o pintor Delacroix:

— Jorge Sand vai escrever suas memórias e haverá um capítulo inteiro dedicado a você.

Chopin franziu o sobrolho e respondeu:

— U'a mulher que edificou sua vida com mentiras não pode jamais escrever suas memórias porque não lhe pertencem.

Finalmente parecia que a felicidade ia sorrir ao grande músico quando sua vida se aproximava do fim.

Uma jovem da sociedade de Edimburgo, chamada Jane Stirling, apaixonou-se loucamente por ele, que, embora sem corresponder aparentemente ao amor puro e sincero da moça, mantinha com ela uma bela amizade. Mas a paixão da jovem aumentava com essa amizade até que ela própria resolveu dar os primeiros passos para o matrimônio, que era bem visto por seus pais.

Mas Chopin, embora nunca falasse sobre isso nem com os mais íntimos, sabia que sua enfermidade era incurável e que a vida de dissipação que levára até então, havia-lhe facilitado o caminho para a cova. Então respondeu aos amigos que serviram de intermediários:

— Tratem de desenganá-la. Diga-lhe que casar-se comigo é desposar a morte.

IZ-SE que Chopin veio ao mundo envolto em notas musicais, porque no dia em que nasceu, alguns camponeses dos arredores de sua casa estavam oferecendo um concerto a um casal de noivos e a seus amigos. Por esse motivo muitos biógrafos do músico que veio ao mundo em Zelazowa, Polónia, afirmam que seus primeiros vagidos foram acompanhados pelos doces e melodiosos acordes da arte popular polonesa.

Seus pais começaram a educação do arrote mandando ensinar-lhe piano. Aos oito anos éle maravilhou um leto auditório interpretando vários trechos em uma festa em honra e benefício do poeta Niemcewica.

Apesar de seu grande triunfo artístico, o pequeno aborreceu-se um pouco porque os apertões amassaram sua supa de veludo; pequeninas raivas as crianças prodígio.

No dia em que foi levado à presença do duque Constantino, governador de Varsóvia, depois de ser ouvido pelo nobre com muita deferência e atenção, fez uma reverência tão

OS MONUMENTOS COLOSSAIS:

## A ESTÁTUA DA LIBERDADE

Em todos os tempos, os homens ergueram monumentos gigantescos.

Por que? Por orgulho, muitas vezes: imaginam-se totalmente inteligentes e capazes, que nenhum empreendimento pôde resistir às suas forças. Basta lembrar a História Sagrada e os homens que quiseram levantar até o céu a

torre de Babel... Pobres loucos! Sabemos como acabaram.

Por orgulho ainda, homens poderosos construíram enormes monumentos para perpetuarem a sua glória pelas gerações futuras: é a história das pirâmides do Egito.

Outras vezes, é o Infinito que os atormenta. Sentem que não são feitos para ficarem na terra, onde tudo tem limites, mas sim para viverem eternamente no Céu. Imaginam então monumentos conformes à sua aspiração e à sua fé. Foi por isso que construíram as catedrais e que, depois da guerra da Criméia, erigiram perto de Puy, na França, uma estátua da Santa Virgem fundida com os canhões tomados à Rússia, e que mede 16 metros de alto e pesa 100 toneladas.

Já que vamos falar da Torre Eiffel, é bom que lembremos que foi esse mesmo engenheiro que realizou a famosa e colossal estátua da Liberdade iluminando o Mundo, que se ergue à entrada do porto de Nova York.

Essa estátua mede 46 metros de altura. Seu autor, o escultor Bartholdi (o mesmo que executou em Paris o Leão de Belfort), recorreu ao engenheiro Eiffel para realizar a sua obra. A estátua é feita de pedaços de cobre batido, pregados por grampões sobre uma armação de ferro. Teve-se o cuidado de deixar joga entre os pedaços para que possam dilatar-se sem prejuízo, sob a ação do calor.

A "Liberdade" é um monumento que pesa 200 000 quilos; a armação de ferro 120 000, e o revestimento de cobre, 80 000.

A curiosidade da América é, pois, uma obra francesa.

### BOM NEGÓCIO

— Olá Raul, como vais? Que fazes?  
— Agora, meu amigo, vendo bombos-correios.  
— E esse negócio rende?  
— Não é de todo mau. Os bombos que vendo pela manhã, voltam à tarde para casa...

## TRES CONTOS DE WILDE

E' comum ouvir-se dizer que um conto bem realizado vale uma novela. E' justa e natural a afirmação. Ambos são pequenos dramas e buscam representar, de forma precisa e sintética, a vida e as coisas. Ambos, carecem dos mesmos elementos: qualidades de fineza, de observação e emotividade.

A origem do gênero, segundo Lang, remontaria à época quaternária, ao período neolítico, mas, o seu aparecimento no cenário da história da literatura só se verificou, porém, muito mais tarde. Deu-se no ocidente, em França, no ano de 1691, com Charles Perrault, em *Les Contes de ma mère L'Oie* e, na Alemanha, em 1812, através dos irmãos Grim, filólogos e mitógrafos de grande talento.

A partir daí vem o conto seduzindo e fascinando a inteligência. Entre outros, ilustram-nos, as figuras impercíveis e imorredouras de Dickens, Kipling, Oscar Wilde, Anatole France, Tolstói e Andersen. Cumprenos, porém, dentre eles, destacar Oscar Wilde. Wilde através deste gênero de vasar expressões da inteligência e do sentimento, pôs sua pena a favor do progresso, combateu obscurantismo, protestou e pregou reivindicações sociais. E como se isso não bastasse, ensinou-nos a aproveitar a modalidade artística para transmitir alguma coisa de mais feliz, objetivo e sadio que fantásticas historietas evocadoras de misticismos e fadas, bem e mal fazejas. Recordemos alguns de seus contos. Eles, por si mesmos, sem necessidade de quaisquer comentários prefaciosos falam e mostram-se como se derruba dos parthenons as estátuas dos ídolos e dos deuses.

### 1 — O RESSUSCITADO

Era ao tempo em que Jesús, a rogo dos seus, acabava de despertar Lázaro do sonho eterno.

Só, junto do ressuscitado, que se desembaraçava lentamente das ataduras impregnadas de natron e mirra em que o tinham envolvido, Jesús inclinou-se ternamente para o que acabava de voltar de entre os mortos e interrogou-lhe em voz baixa.

— Dize-me Lázaro, tu que voves do túmulo, que existe além das sombras da tumba?

— Rabi, além não há nada. Jesús, inclinando-se um pouco mais, murmurou então num cício de voz ao ouvido de Lázaro, assinalando os que o rodeavam:

— Não vá dizer-lhes isso. ouviu!...

### 2 — O MILAGRE DOS ESTÍGMAS

Quando Jesús estava suspenso na cruz, José de Arimateo, rico daquele tempo, subornou um guarda para que este, em vez de dar fel a beber, ao crucificado, empapasse a esponja existente na ponta de seu agulhão com uma essência mágica capaz de dar ao condenado a aparência de morto.

Por ocasião da retirada do corpo da cruz, debaixo do pretexto de embalsamar-se ao Nazareno, santas mulheres retiraram o corpo deste evadiram-se do sepulcro levando consigo o supliciado. Jesús, reconfortado por elas, despertou do sono e restabelecido, dei-

### De MARTINS GOMIDE

xou Jerusalém indo refugiar-se em uma pequena e obscura cidade onde, em chegando, reassumiu o seu ofício de carpinteiro.

Um dia, o apóstolo Paulo, realizando a sua primeira expedição evangélica, chegou, para pregar, à cidade onde éle se achava. Tõda a vila compareceu para ouvir o apóstolo. Só o misterioso carpinteiro deixou de assistir à sermonata.

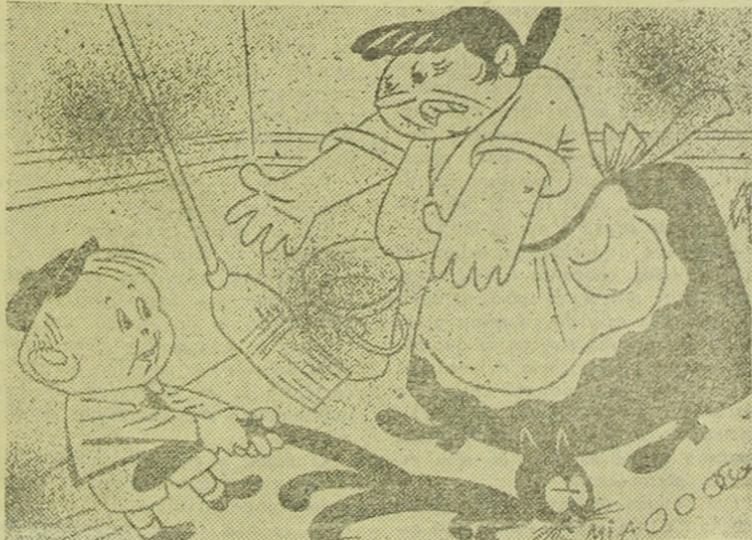
Quando os outros regressaram, falaram a Jesús dum Salvador do mundo a quem havia sido dada a morte, traspassando-se-lhe mãos e pés com grossos cravos.

Ouvida a exposição, Jesús baixou a cabeça e retornou à casa com as mãos ocultas debaixo da túnica. A partir daquele dia todos notaram que, por uma razão desconhecida, éle permanecia sempre com as mãos escondidas.

Jesús viveu, todavia, muitos anos ainda. Era a única pessoa sobre a terra que conhecia a falsidade da nova religião.

Quando exalou o último suspiro, os primeiros cristãos, seus camaradas, ao amortalhá-lo, descobriram-lhe as marcas das feridas existentes em seu corpo, nas mãos e nos pés. Ajoelharam então diante do corpo dele e murmuraram:

Milagre, milagre!



— Não puxes o rabo do gato!  
— Ora, mamãe! Quem está puxando é éle!

### A FALTA DE SAL PRODUZ SÊDE

O professor Mac Carnic, da Califórnia, acaba de operar em si mesmo uma curiosa experiência. Sujeitou-se durante quase uma semana a uma dieta sem sal a fim de diminuir as reservas de sal em seu organismo. Provocou artificialmente uma intensa exsudação. Para confirmar os resultados, submeteu muitos dos seus alunos à mesma prova. Sintomas identicos não tardaram a manifestar-se em todos os casos: privado de sal o homem perde as faculdades gustativas, experimenta uma sede torturante que nenhuma bebida chega a extinguir. Enfim, declaram-se caimbras, seguidas de uma letargia completa.

O síndrome observado durante estas curiosas experiências lembra estranhamente o mal de Addison, cujo tratamento beneficiará sem dúvida esta surpreendente descoberta.

### 3 — O HOMEM E O SEGREDO

Havia uma vez um homem rico, cuja fortuna dava-lhe muitas dores de cabeça.

Um individuo de aspecto suspeito, certa ocasião, aproximou-se dele e disse-lhe a queima roupa:

— Senhor, conheço um segredo seu. Se não me der imediatamente mil libras esterlinas, revelo-o ao mundo e estará perdido.

O rico, atemorizado, deu-lhe o solicitado.

O inescrupuloso personagem tomou, então, o hábito de vir de quando em vez, sempre que necessitava dinheiro, renovar o pedido. Ao fim de algum tempo vivia, exclusivamente desta indústria.

Apesar de tõda sua fortuna, porém, o rico não pôde impedir que a morte se aproximasse.

Nãs vascas da agonia ocorreu-lhe mandar chamar o chantagista. Quando este abeirou-se do leito, o agonizante, entre angustiado e irônico, indagou-lhe:

— Diga-me amigo, agora que vou morrer, qual era o meu segredo?

### BEM AQUECIDO

Luis XIV, andava certa vez à caça, mas não trazia luvas, apesar do inverno rigoroso. Esse detalhe foi notado por um homem do campo que se pôs a comentar o fato.

— O rei não sente frio — dizia éle.

— Naturalmente. Éle não precisa de luvas, uma vez que anda sempre com as mãos nos bolsos...

E com um suspiro:  
— Nos nossos bolsos...

# O GUARDA-CHAVES



## CHARLES DICKENS

Charles Dickens representa, sem dúvida, uma das figuras culminantes, não só da ficção inglesa, como da ficção universal de todos os tempos. O seu "David Copperfield", o seu "Oliver Twist", as suas "Aventuras de Mr. Pickwick", as suas "Grandes Esperanças", os seus contos de Natal — as suas produções fundamentais, em suma, se encontram vertidas para todas as línguas chamadas cultas, tendo-se popularizado entre todos os povos ocidentais. É que, embora preso ao seu ambiente e à sua época, por profundas raízes e misteriosas afinidades (ou talvez por isso mesmo), Dickens escreveu as suas obras imortais: romances, novelas e contos de interesse permanente, perpetuando-se através da passagem do tempo e das distâncias. Acreditamos que este conto, "O guarda-chaves", seja bem característico da literatura de Charles Dickens.

★

"O LHE cá, ouça!" Quando falou assim a voz que o chamava, estava de pé, á porta de sua casinha, empunhando a bandeira, que conservava enrolada no pauzinho que desempenhava as funções de haste.

Era tal a configuração do terreno que não parecia possível que pudesse ter dúvidas sobre a procedência da minha voz. Contudo, o homem, longe de erguer os olhos para o lugar em que me achava, á borda da trincheira, precisamente sobre a sua cabeça, deu meia volta e olhou em direção á via.

— Olhe cá, ouça!  
Só então deixou de esquadriñar a linha. Girou de novo sobre os calcanhares e deitando a cabeça para trás distinguíu-me por cima do seu observatório.

— Há algum caminho que me permita descer até aí para travarmos uma conversação um pouco mais de perto?

Houve uma pausa, então. O homem me examinava com profunda atenção. Por fim, apontou-se com a bandeira um ponto situado a duzentas ou trezentas toesas á esquerda.

— "All right!" Muito bem! — exclamei.

E dirigi-me ao lugar indicado. Lá, depois de muito olhar em torno de mim, descobri um estreito caminho, toscamente talhado em ziguezague e comeci a segui-lo.

A trincheira era funda em extremo. Estava talhada a pique sobre um bloco de pedra e á medida que se descia, diminuía a consistência da pedra, ao passo que a umidade aumentava proporcionalmente. Vi-me obrigado a serpentear. Durante minhas voltas e reviravoltas não me saía da memória o jeito indeciso e a rara timidez que havia notado no pobre homem quando se decidiu a indicar-me o caminho.

Concluídos os rodeios, tornei a contemplá-lo da vertente e pude observar que tinha dado passagem ao último combóio. Sua atitude permitia afirmar que estava á minha espera.

Encostava o queixo na palma da mão esquerda, enquanto o braço correspondente procurava apóio no direito que tinha cruzado ao peito; e era tão singular a sua expectativa que parei por um pouco, cheio de surpresa.

Continuei descendo até chegar ao terrapleno e então pude contemplar á vontade a cutis morena, a barba negra e as sobranceiras do meu estranho personagem.

Sua casinha ocupava o lugar mais solitário e triste da via férrea. De cada um dos lados erguia-se um muro pedregoso que vertia água e impedia o olhar de espriar-se pela imensida-

de do céu, de que só se distinguia uma faixa estreita.

E não eram mais alegres as perspectivas da estrada. De um lado se via a prolongação tortuosa dêsse grande cárcere; de outro, ainda mais limitado, o que atraía os olhares era uma luz de vermelho sinistro, situada sobre a abertura de um tunel sombrio, cuja estrutura maciça oferecia um aspecto grosseiro e repulsivo. Os raios solares ali chegavam minguados e amortecidos; respirava-se um cheiro subterrâneo. Um vento fúnebre que me gelou o sangue nas veias, soprava daquela bôca escura... Estremeci. Apossou-se de mim a idéia de que já não estava no mundo dos vivos.

O interpelado permanecia fixo no mesmo lugar. Cheguei-lhe ao lado; consegui tocar-lhe; mas perseverou indefinidamente na sua primitiva imobilidade. Enquanto não parei, permaneci quieto em seu lugar. Depois, retrocedeu um passo e levantou a mão; mas não tinha deixado um só instante de assestar nos meus olhos o olhar desvairado dos seus.

— É bem solitário este ponto — disse-lhe eu. Já lá de cima, quando o descobri, foi o que me pareceu. Poucas visitas terá por aqui, não é verdade? mas nem por isso elas lhe serão desagradáveis... Pelo menos, é o que me parece! Sou um sujeito cuja vida decorre entre horizontes bem limitados. Por fim consegui alcançar a liberdade e minha curiosidade arrastou-me, apaixonadamente, ao exame cuidadoso das grandes construções ferroviárias. Tais investigações, inteiramente novas para mim, satisfarão minha ignorância com a maior precisão.

Disse-lhe aproximadamente essas palavras. Estou longe de reproduzi-las com absoluta fidelidade. Nunca fui muito forte na arte de entabular conversações e nessa ocasião, menos do que nunca, pois o interpelado tinha certa expressão pouco tranquilizadora que me infundia medo.

Voltou-se, para registrar, com exagerada solicitude, o lugar em que permanecia fixa a luz vermelha que só alumia as proximidades do tunel, como se fizesse pouco caso de outros objetos naquelas ermas paragens.

Por fim, dirigiu-me novamente o olhar.

— Está também a seu cargo a vigilância e cuidado dêsse sinal? — perguntei-lhe.

Respondeu-me, com voz calma:

— O que! Pois não sabia? Era tão insistente a fixidez do seu olhar e tão intensa a sombra que lhe escurecia o rosto, que me cruzou pela mente uma suspeita singular.

Devia considerar como um homem, aquele ser que estava diante de mim? Não seria um fantasma? Mais tarde pensei que devia sentir-me contagiado pelo seu aspecto. Coube-me então a vez de retroceder um passo. Isso provocou no desgraçado os sinais mais inequívocos de terror. Eu lhe metia medo. Esta descoberta pôs fim ás minhas suspeitas estravagantes.

— O senhor me olha — disse-lhe com um sorriso forçado — como se eu lhe fizesse medo.

— Parece-me que já o vi antes.

— Onde?

Indicou com a vista a luz vermelha.

— Ah? — perguntei-lhe.

— Sim — respondeu num gesto mudo de assentimento e sem tirar de mim os olhos ansiosos.

— Mas, bom homem, que é que eu poderia ir fazer ali? Ainda que isso fôsse possível, creia que isso nunca me ocorreria e que nunca, em toda minha vida, pus os pés naquele lugar. Posso jurá-lo, disse: estou bem certo disso e posso jurá-lo.

Por fim, pareceu que estas palavras tinham desfeito o gelo entre nós.

Daí em diante, respondeu com desembaraco ás minhas perguntas.

Fêz-me entrar na sua casinha, onde tinha um fogão, uma estante para o registro do serviço, um livro em que se estampavam determinadas observações e um aparelho telegráfico composto de um mostrador com setas indicadoras e uma campainha de chamada.

O digno e excelente homem terminou-me a merecido o conceito de empregado competentíssimo nas suas funções, se não tivesse suspenso por duas vezes suas respostas, empalidecendo, para olhar para a campainha (que, no entanto, permanecia muda,

nesses momentos) e não tivesse aberto a porta de sua vivenda (fechada unicamente para evitar a insalubre umidade) desejoso de olhar de fora a chama vermelha da entrada do tunel.

De ambas as vezes acompanhou o seu regresso para junto do fogão com aquele gesto inexplicável que lhe havia observado, sem poder defini-lo, quando nos olhamos á distancia, eu, das minhas alturas, êle das suas profundidades.

— Alegre-me em acreditar — disse-lhe, ao levantar-me para partir — que encontrei aqui um homem satisfeito com a sua sorte.

Era intenção minha induzi-lo a fazer-me qualquer comunicação.

— Sim, realmente, foi assim em outros tempos — respondeu — mas agora — acrescentou com essa voz apagada que havia empregado antes — estou inquieto, senhor: a inquietação me devora.

Teria querido, talvez, retirar as suas palavras, mas já era impossível. Estavam irremissivelmente pronunciadas.

Aproveitei-me delas imediatamente.

— Por que? Qual é a causa da sua inquietação?

— É muito difícil explicá-la, cavalheiro; custa-me indizivelmente falar dêsse assunto. Se o senhor tornar a visitar-me de novo, tentarei expandir-me.

— Acredito! Desejo vivamente voltar. Quando quer que eu apareça?

— Abandono este posto muito cedo, mas ás dez horas da noite estarei de volta.

— Virei amanhã ás onze.

Agradeceu-me e acompanhou-me até á porta.

Porei á vista a minha luz branca — disse-me surdamente, conforme o seu costume — até que o senhor acerte com o caminho. Quando o encontrar, não grite e ao reeressar, quando se encontre no resalto da trincheira, não o faça também.

As maneiras e o som da sua voz pareciam-me aumentar o aspecto glacial daquelle lugar. Limitei-me a responder-lhe:

— Muito bem.

— Não se esqueça — continuou. Quando vier amanhã á noite, não há necessidade de fazer barulho... Permite-me uma pergunta, para terminar. Por que gritou esta noite: — Olhe cá, ouça!

— Garanto-lhe que não sei. Mas, realmente, disse algo parecido com isso.

— Algo parecido. não; foi isso que disse. Conheço perfeitamente êsse modo de chamar.

— Oh, não digo que não. Fiz assim simplesmente porque o avistava aqui do fundo.

— Só por êsse motivo?

— Que outro poderia ser?

— Não lhe pareceu que alguém lhe ditava essas palavras: que obedecia, de certo modo, a uma influência sobrenatural?

— Não.

Deu-me boa-noite e foi-me alumian-do o caminho com a lanterna. Continuei andando ao longo da via férrea, fora dos trilhos, sob o peso de uma impressão desaerádavel. Parecia que tinha um combóio ao meu encalço... Achei finalmente o caminho. Foi-me fácil a subida e acabei por chegar á minha hospedaria, sem nenhum embaraco.

Veio a noite seguinte. Fiel á minha entrevista, punha o meu pé no primeiro degrau da encosta em ziguezague, ao bater das onze, que se ouvia ao longe.

O homem se achava ao pé da trincheira, espreitando a minha chegada com o seu farol branco ao alto.

— Não murmurei meia palavra — disse, ao chegar junto dêle. Posso falar agora?

— Sem dúvida, cavalheiro!

— Pois então boa-noite. Venha de lá um apêto de mão.

— Boa-noite, senhor. Ai vai.

Depois do cumprimento, dirigimo-nos, caminhando um ao lado do outro, para a casinha. Entramos e sentamo-nos junto ao fogo.

— Não vou permitir que se incommode, cavalheiro (começou a dizer, inclinando-se e com voz imperceptível como um suspiro) perguntando-me novamente o motivo do meu desassossêgo. Ontem á tarde confundi-o com outra pessoa. Era êsse o motivo da minha inquietação.

— Aborrece-o êsse engano? Não é que o senhor me perturbe. O outro é que...

— Quem é êsse outro?

— Não sei.

— Parece-se comigo?

— Também não sei. Nunca lhe vi o rosto. Esconde-o com o braço esquerdo, enquanto move rapidamente o direito, assim; veja.

Reparei na sua pantomima muda. Era uma série de gestos descompostos, que queria exprimir, de um modo veemente, convulsivo e apenas com um braço, esta frase: "Pelo amor de Deus! Saia do caminho!"

— Numa noite de luar — acrescentou o homem — eu estava aqui, no lugar em que o senhor está agora, quando ouvi uma voz gritando: — Olhe cá, ouça! — Corri para fora. O outro estava de pé, junto ao sinal vermelho, gesticulando como lhe mostrei ainda agora. Estava rouco á força de gritar: Olhe, cuidado, cuidado! Não se calava nem por um segundo. Repetia sem descanso: Olhe, cuidado, cuidado! — agarrei o farol e corri para o homem, perguntando-lhe: — Que aconteceu? — É um aviso ou um acidente? Em que lugar? — Parei a dez passos da entrada do tunel; fiquei tão perto dêle que percebi, assombrado, que o desconhecido escondia o rosto com o braço esquerdo. Segui direito para êle, estendi a mão para descobrir-lhe o rosto; mas, de repente, antes que o conseguisse, desapareceu.

— Pelo tunel? — perguntei.

— Não, senhor. Percorri-o em toda a sua extensão de quinhentos metros; parei, levantei o farol em todas as direções; vi perfeitamente os números das cotas do nível e as indicações quilométricas escritas na parede. A umidade deslizava como azeite ao longo das pedras e gotejava pela abóbada; mas nem sombra de ser humano! Voltei, então, sobre meus passos, mais rapidamente que na ida, porque me inspiravam um horror mortal êsses lugares. Depois de ter revistado minuciosamente os arredores da luz vermelha, sem abandonar um minuto o meu farol regulamentar, subi até o sinal. Nada! Desci de novo e fui telegrafar. Fi-lo por duas vezes. — Alarme. Que está acontecendo? — E de ambas as vezes me transmitiram a resposta costumeira: — Sem novidade.

Enquanto o guarda-chaves falava, parecia-me que um dedo gelado me percorria lentamente a espinha. Resisti quanto pude a essa sensação, esforçando-me por dar a entender ao infeliz que semelhante aparição foi o resultado de uma ilusão de ótica e que aquele grito imaginário podia bem ser causado pelo ruído do ar ao chicotear os fios do telégrafo ou ao chocar-se com as altas paredes, arrancando ao silêncio da noite suas notas lúgubres de arpa eólica.

Deixou-me acabar, movendo a cabeça, mas sem dar sinais de impaciência.

Depois, ao cabo de alguns instantes observou-me que conhecia perfeitamente o ruído dos fios vibrados pelo impulso do vento. Ninguém como êle tão capaz de distingui-lo pois tinha passado ali, sozinho, em vigília, muitas, muitíssimas noites intermináveis de inverno.

D'sse-me, além disso, que não tinha acabado ainda sua narração.

Pedi-lhe que me perdoasse a interrupção; e êle, então, apoiando suavemente a mão no meu braço esquerdo, prosseguiu lentamente:

— Seis horas depois da aparição ocorreu um desastre memorável na via; e ao cabo de outras duas, retiraram os mortos e feridos do tunel, depositando-os no mesmo lugar em que tinha visto o fantasma.

Estremeci, da cabeça aos pés. Contudo, consegui dominar-me.

— Certamente — disse-lhe — não há dúvida que houve uma coincidência notável, e a paz de impressionar profundamente a sua imaginação. Mas é igualmente exato que, muito frequentemente, ocorrem casos parecidos.

Observou-me novamente que ainda não terminara.

— O que lhe contei — prosseguiu pondo-me outra vez a mão no braço e dirigindo-me por cima do ombro um olhar insistente, — ocorreu há um ano já. Seis ou sete meses depois, quando não havia voltado a mim ainda da minha surpresa, nem me achava reposto da passada emoção, uma madrugada, ao amanhecer, achando-me no interior da minha barraca, olhando para a luz vermelha, tornei a ver o espectro.

Guardou silêncio por um pouco e cravou em mim o seu olhar.

— Vamos a ver, ocorreu algum outro acidente depois dessa ressurreição?

Tocou-me várias vezes com a ponta dos dedos, movendo sempre a cabeça com uma lentidão de espectro que me gelava o sangue nas veias.

— Naquelle mesmo dia, cavalheiro — continuou, — á passagem de um trem que saía do tunel, observei num compartimento movimentos descompostos de mãos, de cabeças... numa palavra, uma agitação extraordinária. Dei sinal de parada; o maquinista deu imediatamente contravapor e apertou os freios; o trem, contudo, andou ainda cem ou cento e cinquenta metros. Deitei a correr e ouvi, efetivamente, gemidos e lamêntos desesperados. Uma linda mulher tinha sido assassinada num vagão. Trouxeram-na ao meu posto e deixaram-na aqui onde conversamos agora.

Involuntariamente, puxei minha cadeira para trás e não tirei dêle os olhos.

— Cavalheiro, esta é a pura verdade. Conto-lhe o acontecimento com toda precisão.

Já não conseguia falar nem pensar. Fora, o vento e os fios do telégrafo ajuntavam ao horror da narração o acompanhamento de sua voz lastimosa e prolongada.

— E o homem concluiu:

— Julgue o senhor se posso ter animo sereno; há uma semana reapareceu a visão e, de então para cá não deixou de apresentar-se diante dos meus olhos, de quando em quando.

— Na luz vermelha?

— Sim, no sinal de perigo.

— E o que faz ali?

Mais veementemente ainda, se é possível, repete os gestos de angústia, como que dizendo: Pelo amor de Deus, saia do caminho!

— Já conhece agora — acrescentou — a causa do meu desassossêgo. Não tenho trégua nem descanso. O desconhecido me chama por vários minutos consecutivos, empregando sempre o seu grito desesperado: Ouça cá, cuidado! — Agita o braço e dá alarme com a campainha...

Ao ouvir estas palavras, interrompi-o:

— Diga-me o senhor se a campainha tocou ontem de tarde quando me aproximava daqui, á hora em que o senhor saiu.

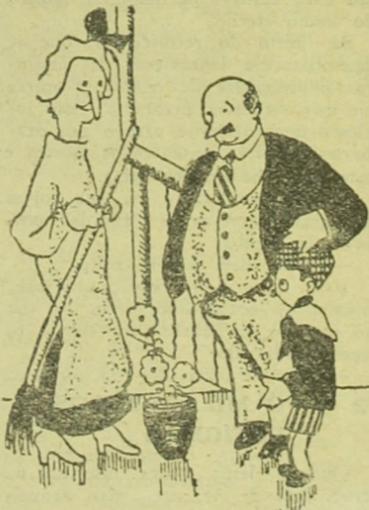
— Duas vezes.

— Duas vezes? — repliquei. — Isso prova o quanto a sua imaginação está desorientada. Eu era todo olhos e ouvidos; pois bem, tão certo como eu estar vivo a campainha não tocou essas duas vezes. Não, nem tocou dessa vez nem das anteriores. Está claro que tocou, mas quando se comunicou com o senhor dos postos vizinhos.

Meneou a cabeça.

— Não me engano nisso, cavalheiro — replicou. — Nunca confundi a chamada do fantasma com a de meus companheiros. A vibração daquela é especial; não se transmite pelos fios. Não digo que êle toque a campainha; mas que soa, não há dúvida. Não há nada de singular em que o sr. não a tenha ouvido. Eu,

(Conclui na sexta página)



O professor de botânica: — Esta planta, meu filho, é da família das rosáceas.

A criada: — Não é, não, senhor! É da família do 2.º andar...

ESCUTEM esta história, meus amigos. Passou-se há muito tempo, quando todos os animais domésticos eram ainda selvagens. O cachorro era selvagem e também o cavalo, a vaca, o cordeiro. Todos eles passeavam pelos caminhos úmidos das grandes florestas e desejavam apenas a solidão e a selvageria. Porém, o mais selvagem de todos era o gato. Andava sempre só e todos os lugares eram bons para ele.

Naturalmente o homem era também selvagem. E sua selvageria era vergonhosa até que se encontrou com a Mulher que lhe declarou não lhe agradar aqueles modos selvagens.

A Mulher arranhou uma bonita caverna para dormir ao invés do mon-

sortilégio. Foi o segundo sortilégio que se fez sobre a terra.

Lá longe, no bosque úmido todos os animais se interrogavam o que teria sucedido ao cachorro selvagem. Por fim, o potro selvagem golpeou o chão com os cascos e disse:

— Irei eu ver o que aconteceu ao Cachorro selvagem. Gato, vem comigo.

— Não quero!... respondeu o Gato. Eu sou o Gato selvagem que anda só em todos os caminhos e todos os lugares são bons para mim.

Sem embargo, o Gato acompanhou o potro, dissimuladamente.

Quando a mulher viu o potro chegar, riu-se e disse:

— Aqui está o segundo... Criatura selvagem que desejás?

— Sabia que era inteligente, mas ignorava que era bonita. Pois bem... Façamos um trato!... Se alguma vez chegar a pronunciar uma palavra de louvor a teu respeito, poderás entrar na caverna.

— E se pronunciare duas?

— Jamais farei isso, mas se as pronunciar, poderás te deitar junto ao fogo.

— E se pronunciare três?

— Nunca farei isso, mas no caso de acontecer, poderás beber leite branco e cheiroso, três vezes por dia.

Então o Gato arrepiou-se todo e disse:

— Tomo a cortina que tampa a entrada da caverna, o fogo que arde e o leite dessa pedra côncava por tes-

# O GATO SOLITÁRIO

De RUDYARD KIPLING



tão de folhas úmidas que o homem usava. Acendeu o fogo e, depois de estender á porta uma pele de cavalo, disse ao Homem:

— Limpa os pés e entra em casa. Agora, sim, estaremos em família.

Essa noite, meus amigos, o Homem e a Mulher comeram um carneiro selvagem cozido sobre as pedras. Comeram também um pato selvagem misturado com arroz selvagem. Mais tarde, á ceia, comeram cerejas selvagens e o Homem deitou-se a dormir, encantado com todas essas mudanças.

A Mulher permaneceu acordada, pois tinha de pentear seus longos cabelos.

Depois, apanhou um osso do carneiro que haviam comido, observou as marcas que apresentava. Botou mais lenha no fogo e fez um sortilégio. Esse foi o primeiro sortilégio que se fez sobre a terra.

Lá longe, no bosque úmido, todos os animais selvagens se reuniram em um lugar de onde se pudesse vêr o fogo e cada um indagava o que significava essa luz.

O cavalo selvagem disse:

— Ó meus amigos e também vocês, meus inimigos, por que o Homem e a Mulher fizeram essa luz tão grande na caverna? Será isso perigoso para nós?

O cachorro selvagem disse:

— Irei vêr. Venha comigo, Gato.

— Eu não. Sou o Gato solitário e todos os lugares são bons para mim. Não quero ir.

— Muito bem — respondeu o cachorro. De hoje em diante não seremos mais amigos.

E se foi correndo.

O Gato pensou: todos os lugares são bons para mim. Por que não hei de ir a essa caverna só para olhar e depois ir-me quando muito bem entender?

E então o gato acompanhou o cachorro dissimuladamente.

Quando o cachorro meteu o focinho por baixo da pele de cavalo e aspirou longamente o cheiro do assado a Mulher riu-se e disse:

— Já está aqui o primeiro... Criatura selvagem, que desejás?

E ao mesmo tempo, a Mulher atirou um osso de carneiro ao Cachorro selvagem.

O cachorro selvagem morden o osso e, olhando para a mulher, disse-lhe:

— Ó minha inimiga, mulher de meu inimigo, dá-me outro osso!...

A Mulher respondeu:

— Animal selvagem, ajuda o homem a caçar todos os dias e a guardar a caverna todas as noites que te darei todos os ossos que desejás.

— Ah!... pensou o gato, que estava escutando. Esta mulher é esper-ta, mas, não tanto como eu...

O cachorro selvagem entrou na caverna, pôs o focinho sobre os joelhos da mulher e disse:

— Ó minha amiga, mulher de meu amigo, ajudarei o homem a caçar durante o dia e guardarei a caverna, á noite!

— Ah, que cachorro estúpido, pensou o gato. E se foi pela floresta úmida, abanando o rabo. Não contou nada a ninguém.

Quando o homem acordou perguntou:

— Que faz aqui o Cachorro selvagem?

A Mulher respondeu:

— Já não se chama mais Cachorro selvagem. Agora é Amigo. Estará conosco de hoje em diante. Quando fores caçar leva-o contigo.

Na noite seguinte a Mulher trouxe consigo uma braçada de erva úmida e a secou junto ao fogo. Depois trançou tiras de couro e preparou um cabresto. Então, olhando as marcas do osso de carneiro, a Mulher fez um

E o potro selvagem respondeu:

— Oh, minha inimiga, mulher de meu inimigo, onde está o cachorro selvagem?

Porém a Mulher se pôs a rir, olhou o osso de carneiro e respondeu:

— Animal selvagem, tu vieste aqui por causa desta braçada de ervas e, não pelo Cachorro selvagem...

E o potro selvagem, agitando as narinas, disse:

— E' verdade, dá-me as ervas para comer.

— Porém a mulher respondeu:

— Animal selvagem, baixa a cabeça e deixa que eu te ponha este presente que tenho para te dar. Se o fizeres, dar-te-ei esta erva maravilhosa.

O potro selvagem baixou a cabeça e a mulher o prendeu com o cabresto de couro. E o potro se deixou cair ante a mulher.

— Oh, pensou o Gato. Esta mulher é bem astuta...

E se foi embora para a floresta úmida, abanando a cauda. E não contou nada a ninguém.

Quando o Homem e o Cachorro selvagem voltaram para casa, o Homem perguntou:

— Que faz aqui o Potro selvagem?

— Já não se chama Potro selvagem, respondeu a mulher, e sim, Primeiro Amigo Fiel. Disse-me que nos levará a qualquer lugar sobre seu forte lombo. Quando fores caçar podes montar sobre ele.

No dia seguinte, com a cabeça bem erguida para que seus chifres não se embarcassem nos ramos, a Vaca selvagem foi á caverna. O Gato seguiu-a, disfarçadamente.

Quando a Vaca prometeu á mulher fornecer-lhe o seu branco leite, o Gato se foi para a floresta movendo o rabo.

Quando o Homem, o Potro e o Cachorro chegaram em casa e perguntaram as mesmas coisas de sempre, a Mulher disse:

— Seu nome não é mais Vaca selvagem e sim Proveedora do lar. Ela nos dará leite tépido e branco e ficará comigo enquanto vocês estiverem cacando.

No dia seguinte, o Gato esperou que chegasse outro animal selvagem, mas, nenhum outro veio. Então o Gato que vai só a todos os lugares, entrou na caverna, viu a Mulher e a Vaca, sentiu o cheiro do leite fresco.

— Oh, minha inimiga, mulher de meu inimigo, que faz aqui a Vaca selvagem?

A mulher riu-se e respondeu:

— Animal selvagem, do bosque selvagem, volta para a floresta de onde vieste, porque já penteei meus cabelos e tirei o osso do carneiro e não necessito de outros amigos nem de outros servidores para mim.

O Gato disse:

— Não sou amigo, nem servidor. Sou o Gato selvagem que anda só, por todos os caminhos. Desejo entrar nesta cabana.

A mulher riu-se e disse:

— És Gato solitário e todos os lugares são bons para ti. Não és amigo nem servidor. Vai-te daqui, portanto, e passáa por onde queiras.

O Gato fingiu que estava triste e disse:

— Jamais poderei entrar em tua caverna? Não me poderei deitar junto ao fogo? Jamais me deixarás provar o leite branco e perfumado? És muito linda e inteligente e não deverias magoar ninguém, nem mesmo um Gato solitário...

A mulher respondeu:

temunhas do que acaba de me prometer a Mulher, minha inimiga, mulher do meu inimigo.

E se foi embora pelo bosque úmido, movendo a cauda e sempre só.

O Gato perdeu-se nas profundidades do bosque selvagem nos lugares em que os demais animais não ousavam ir. Passou tantos dias ali, tanto tempo decorreu depois do que aconteceu que a Mulher se esqueceu que havia prometido. Porém, um morcego, um pequenino morcego que todos os dias pousava na caverna, levava notícias ao Gato.

Uma tarde o morcego disse:

— Há um bebé na caverna. E' muito pequeno, rosado e gordo. A Mulher cuida dêle carinhosamente.

— Ah, disse o gato, escutando a novidade. E do que é que gosta o bebé?

— Gosta de tudo que seja macio, suave e que faça barulho. Gosta das coisas tépidas para abraçar e dormir. Gosta que alguém brinque com êle. Gosta de tudo isso e muito mais.

— Então, disse o Gato, chegou a minha hora.

E na noite seguinte, o Gato foi através dos caminhos úmidos e se escondeu até ver que o Homem, o Cavalo e o Cachorro já se tinham ido. A Mulher estava cozinhando e o Bebê, sem ter quem lhe desse atenção, chorava desconsoladamente. Cansada, a Mulher tirou-o da caverna e deu-lhe umas folhas para brincar, mas, o Bebê continuou chorando.

Então o Gato estendeu cuidadosamente a pata, tocou carinhosamente no rosto do Bebê que se pôs a rir. Depois o Gato fez cocegas nos pezinhos do Bebê com o rabo macio e veludoso e o Bebê continuou rindo-se.

Quando as risadas chamaram a atenção da Mulher, ela também se pôs a rir com o filho, lá dentro da caverna.

O Morcego então disse-lhe:

— Um animal selvagem da floresta está brincando com teu filho.

A Mulher respondeu:

— Bendito seja!... Eu estava muito ocupada esta manhã, êle me prestou um grande serviço.

E nesse mesmo instante, meus amigos, a pele de cavalo que escondia a entrada da caverna veio ao chão ruidosamente, porque se recordava do convênio feito entre a Mulher e o Gato. A Mulher correu a levantá-la, mas viu o Gato que entrava, tranquilamente pela caverna e dizia:

## UMA ENCOMENDA POSTAL DE CARNE E OSSO



Um apaixonado colecionador de selos, que se encontrava em Londres para tomar parte numa exposição de filatelia, tendo muito que fazer, e não sabendo como enviar uma filha, de 10 anos, que trouxera na sua companhia, para casa de uma tia, residente longe, resolveu-se expedir-lhe a encomenda postal.

Para êsse efeito, dirigiu-se a uma estação telégrafo-postal, pagou cerca de 30 cruzeiros pelo respectivo despacho, e voltou á sua vida, satisfeito com a sua resolução.

A pequena chegou a sã e salva á casa de sua tia acompanhada por um distribuidor dos correios, que tinha apenas 15 anos de idade...



— Acabas de dizer uma palavra em meu louvor e, portanto, de hoje em diante tenho o direito de entrar na caverna quando bem entenda. Como sabes, sou o Gato selvagem que anda sempre só e todos os caminhos são bons para mim.

A Mulher apertou os lábios, cheia de raiva e apanhando a roca pôs-se a fiar.

Lá fora o Bebê chorava outra vez e porque o Gato não estava a seu lado e apesar da mulher fazer tudo para que se calasse, êle se retorcia e seu rosto estava côr de violeta. Então o Gato falou:

— Enrola um pouco dêsse fio que estás fiando e atira ao chão. Verás um encantamento que fará rir o Bebê, mais forte do que chora neste momento.

— Vou fazer isso porque já estou fatigada, mas não esperes de mim nenhum reconhecimento pelo que me ensinaste.

Fêz uma bolinha de fios e atirou-a ao chão. O Gato deu-lhe uma patada e fêz tantas traquinadas com a bolinha de fios que o Bebê deixou de chorar e começou a rir alegremente. Por fim, o Bebê apanhou o Gato em seus braços e cerrou os olhos para dormir.

— Agora, disse o Gato, cantarei para o Bebê uma canção que o fará dormir imediatamente.

E se pôs a ronronar tão docemente, tão baixinho, tão baixinho, que o Bebê adormeceu tranquilamente.

— Muito bem! És muito inteligente, Gato! exclamou a Mulher sorrindo.

E nesse mesmo instante, a fumaça que se levantava da chaminé se esparrou por toda a caverna, porque se recordava do convênio feito entre a mulher e o Gato. Êste já se achava instalado, cômodamente junto ao fogo.

— Oh, minha inimiga, mulher de meu inimigo, aqui me tens! Acabas de pronunciar a segunda palavra de louvor a mim e, portanto, tenho direito de ficar junto ao fogo o tempo que entender. Como sabes, sou o Gato solitário e todos os caminhos são bons para mim.

Então a Mulher não pôde conter sua cólera e apanhando o osso de carneiro alguns fios de cabelo que arrancou da cabeça, pôs-se a fazer um sortilégio. Porém, não era um sortilégio com música nem cantos, caros amigos. Era um sortilégio mudo, para que sua boca não voltasse a proferir louvores para o Gato. E tão grande era o sortilégio que um pequeno rato, oculto na caverna se assustou e pôs-se a correr ao redor da Mulher, procurando um refúgio.

— Êste rato faz parte de tua feitiçaria?

— Oh, não, não, respondeu a mulher deixando cair o osso de carneiro e prendendo a longa cabeleira de modo que o rato nela se enroscasse e a magoasse.

— Nesse caso, disse o Gato, não se aborrecerá se eu comer o rato?

— Não me aborrecerei, não, respondeu a Mulher. Coma-o! Depressa... E hei de te agradecer eternamente.

De um salto o Gato abocanhou o rato e a Mulher falou:

— Muito obrigada, meu amigo, ninguém me faria êsse serviço melhor que tu...

E nesse mesmo instante, querido amigo, a tigela que continha o branco e morno leite, deu um salto, porque se recordava do convênio feito entre a Mulher e o Gato. E quando a Mulher reparou, o Gato lambia com prazer o leite, no qual mergulhava os bigodes, gulosamente.

— Aqui estou. Acabas de pronunciar a terceira palavra de louvor a meu respeito e, por isso tenho o direito de tomar o leite branco e morno três vezes ao dia enquanto queira. Como sabes, sou o Gato solitário e todos os lugares são bons para mim.

— Então, a Mulher começou a rir, serviu mais leite ao Gato e disse:

— Oh, Gato!... És mais inteligente que um homem. Porém, lembra-te de que não tens licença do Homem, nem do Cachorro para ficares na caverna. Para isso é preciso que esperes até que regressem a casa.

— Pouco me importa, respondeu o Gato. Desde que possa ficar aqui, dormir junto do fogo e beber o leite morno, pouco me importa a mim o Homem e o Cachorro!

Nessa noite, quando o Homem e o Cachorro entraram na caverna, a mulher contou-lhes a história da sua combinação com o Gato, enquanto êste, sentado junto ao fogo sorria.

Então o Homem disse:

— Pois não serão quando eu me encontrar neles, respondeu o Homem. Se não tivesses dito estas últimas palavras teria sido bem melhor para ti. De hoje em diante, atirar-te-ei pedras todas as vezes que te encontrar eu meu caminho. Da mesma forma procederão todos os demais Homens, meus semelhantes!

E o Cachorro falou:

— E se não fores muito bom para com o Bebê, quando eu me achar em casa correrei atrás de ti até que te refugies em algum lugar seguro. Se não escapares de mim, morder-te-ei. E assim farão todos os demais cachorros meus semelhantes.

O Gato contou os dentes do Cachorro que estavam muito afiados e disse: (Conclui na sexta página)

# O GUARDA-CHAVES

(Conclusão da quarta página)

por minha parte, ouvi-a exatamente como a ouço sempre; muito bem.

— E quando saiu para fora, viu a aparição?

— Vi.

— As duas vezes?

— As duas — afirmou, com plena convicção.

— Quer sair comigo e olhar agora?

Mordeu os lábios, mas levantou-se.

Abriu a porta, detendo-me um momento no limiar. Meu interlocutor ficou a alguma distancia. Tudo permanecia no seu respectivo lugar: a luz do sinal, a abóbada do tunel, a parte enorme impregnada de umidade. Tudo permanecia o mesmo, á luz das estrélas.

— Vê qualquer coisa de anormal? — perguntei, fixando-lhe atentamente o rosto. — Tinha os olhos muito abertos, talvez não tanto como os meus, que ergui, ao mesmo tempo que elle, na direção temida.

— Não — respondeu — não vejo nada.

— Bem — disse eu. — Estamos de acôrdo!

Entramos novamente e tomamos lugar junto ao fogo. Pensava eu como tirar melhor partido do bom êxito obtido, se assim podia chamar-se o resultado negativo de nossa inspeção ocular, quando o nosso homem reatou a sua narrativa no mesmo ponto em que o havia interrompido, convindo na afirmação de que os fatos repetidos, objeto de nossa narrativa, não podiam seriamente constituir base para um alarme. Foi um novo embarço para mim.

— Isso aumenta, cavalheiro, a espantosa confusão em que me acho. Não cesso de perguntar-me: o que querará anunciar o fantasma?

— Não sei — disse — se compreendo claramente...

— Contra que risco vou prevenir-me? — continuou dizendo com ar pensativo, cravando o olhar ora no fogão, ora em mim. — Que perigo está ameaçando? Onde acontecerá? Porque sem dúvida nenhuma, está se aproximando da linha um perigo qualquer. Uma terceira desgraça nos ameaça... quem poderá negá-lo, dados os precedentes dos fatos anteriores! Assim, ao que parece, o senhor me julga meio doido! Posso, acaso, evitá-lo? Que devo resolver? Que fazer?

Tirou o lenço e enxugou o suor da frente.

— Se telegrafo para baixó ou para cima, ou em ambos os sentidos, que fundamento posso alegar? — acrescentou, enxugando as palmas das mãos como tinha enxugado a fronte momentos antes. — Só criarei confusão, a mesma que experimento eu, sem vantagem nenhuma em favor do próximo. E não de julgar-me louco... Veja o senhor! dar-se-ia o seguinte telegrama: "Perigo, atenção". Resposta: "Que perigo? Onde? Telegrama: "Não sei; mas pelo amor de Deus, estejam de sobreaviso". Despedir-me-iam do emprégo. Poderia suceder outra coisa?

Causava dó a agitação do infeliz. Ao vê-lo assim entendi que, por uma questão de caridade e por assim o exigir a segurança do público, o que havia a fazer, em primeiro lugar, era acalmar o pobre homem. Deixando, pois, para outra ocasião discutirmos se era real ou illusória essa necessidade, procurei persuadi-lo de que todo empregado fiel e perito no cumprimento de seus deveres, procede sempre corretamente e que, tendo elle perfeita consciência de sua obrigação, devia ficar tranquilo e sem inquietar-se pelo inexplicável das aparições. Minha tática deu melhor resultado que a opposição ás suas supersticiosas convicções. Acalmei-o. As exigências do serviço e os incidentes próprios de tais ocasiões reclamavam-lhe todo o cuidado. Eram duas horas da madrugada. Deixei-o então, não sem haver-me oferecido antes para ficar em sua companhia até o amanhecer, mas elle não consentiu nisso.

No dia seguinte, estava tão linda a tarde que me apressei a sair, depois do jantar, para aproveitar-lhe a beleza la caindo o sol quando tomei o caminho que, através dos campos, levavam até á encosta que dava acesso á via férrea "É questão de mais uma hora, pensei. Em trinta minutos chegarei até ali e em outros trinta terei regressado do meu passeio, que não terá durado grande coisa. Conto falar com o meu guarda-chaves no momento mais propício".



CINEMA. — VERONICA LAKE, a mulher dos cabelos fatais, parece que dia a dia mais seduz.

Antes de terminar o meu caminho, assomei ao parapeito da trincheira e olhei tranquilamente para o fundo, exatamente no mesmo lugar em que interpelei, pela primeira vez, tão estranho personagem. Como descrever o sentimento de horror que me petrificou ao observar que um sêr, homem ou fantasma, colocado rente á entrada do tunel, agitava vivamente o braço direito, enquanto com o esquerdo escondia o rosto!

O indizível espanto que esta visão me produziu durou um momento só; pois não demorei em ver que não era illusão nenhuma, como o dava a entender um grupo de individuos aos quais se dirigia o personagem que primeiro avistei; êste, naturalmente, com os seus gestos, pretendia explicar-lhes o acontecido.

Ainda não se percebia o luzir vermelho do sinal. Divisava vagamente ao lado do posto uma espécie de barruquinha construída com espedes de madeira e uma tela de lona embreada. O seu vulto não era maior que uma cama pequena.

O rápido pressentimento de uma desgraça cruzou-me pela mente. Corri para a vereda em ziguezague e desci por ella, com toda a precipitação que pude.

— Que aconteceu? — perguntei.

— Um guarda-chaves, cavalheiro, que foi morto esta manhã.

— Não será o desta casinha?

— Sim, senhor.

— Aquele que eu conhecia?

— Fácil lhe será reconhecê-lo — disse o homem que respondia ás minhas perguntas.

Tirou gravemente o chapéu.

— Não está desfigurado — e levantando uma ponta da tela, acrescentou:

— Deus meu! Mas como aconteceu a desgraça? Que se passou aqui? — repeti, indo de um lado para outro, apenas caiu o negro sudário.

— Cavalheiro, a máquina o feriu.

Ninguém conhecia nem desempenhava

melhor suas obrigações; mas hoje, sabe-se lá por que! não soube se acatular. Era já dia claro; trazia ainda o farol aceso. Um trem saía do tunel; o guarda estava ali, de costas. Foi derrubado. É este o maquinista. Elle lhe dirá o que aconteceu, com todos os pormenores... Tom, dê a este cavalheiro, todos os detalhes...

O maquinista foi até a boca do tunel.

— Vou explicar-lhe como se passou, cavalheiro. Da curva que faz a via, ali dentro, vi o guarda-chaves junto á saída como se vê um homem por um binóculo. Não havia tempo para apertar os freios; mas não me inquietei por isso. Tive-o sempre por

homem cauteloso. Contudo, como me pareceu que não o preocupava o silvo da locomotiva, soltei vapor... Estávamos já em cima d'êlé... Chamei com toda a força dos pulmões.

— Que foi que o senhor disse?

— Gritei: "Olhe lá! Oh! Fuja, fuja! Saia da linha!"

Estremeci.

— Ah, senhor! Foi um rude transe! Não parei de chamá-lo. Ocultei o rosto com este braço e nem um momento deixei de agitar nervosamente o outro. Nada consegui!

Assim terminou, com essa morte trágica, tão extraordinária aventura, cujo mistério nunca consegui decifrar.

## O GATO SOLITARIO

(Conclusão da quinta página)

— Serei bondoso com o Bebê enquanto estiver na caverna, a não ser que elle me puxe o rabo com muita força. Porém convém que saibas de uma coisa: eu sou o Gato solitário e todos os lugares são bons para mim!

— Não serão porque eu te farei trepar ás árvores todas as vezes que te encontre. E assim farão todos os cachorros.

E tomando suas botas de couro e sua funda mostrou-os ao Gato, dizendo:

— Agora, faremos um convênio entre nós dois. Se não comeres todas as ratazanas que aparecerem na caverna, sem descansar um só dia, atirar-te-ei estas coisas todas em cima de ti e o mesmo farão os outros homens, meus semelhantes.

— Ah, disse a Mulher, ouvindo isto, tu és um Gato inteligente, porém, mais inteligente é o Homem.

O Gato olhou e viu que as coisas que o Homem lhe ameaçava atirar em cima eram duras e pesadas, e então disse:

— Persegurei todos os ratos que

invadirem a caverna, enquanto eu aqui esteja, porém, é bom que saibas de uma coisa — eu sou o Gato solitário e todos os caminhos são bons para mim.

Então o Homem apanhou uma funda e o Gato selvagem fugiu para o interior da floresta. Porém o Cachorro correndo atrás d'êlé obrigou-o a trepar em uma árvore.

Desde êsse dia, meus amigos, três em cinco homens atiram pedras nos gatos e todos os cachorros o perseguem e os obrigam a trepar em árvores. Porém o Gato não abandona a companhia dos homens. Sempre apanha ratazanas e é amigo dos Bebês, ainda quando êstes lhe puxem demasiado o rabo.

Porém, quando a lua se levanta e a noite cai, todo gato é um gato que anda só por toda parte, e todos os caminhos são bons para êle.

Caminha vagarosamente pelos caminhos úmidos do bosque selvagem movendo o rabo e sempre só.

— Sim, porém o Gato não me pediu licença, nem a mim, nem aos outros homens, meus semelhantes.

# COMO A NOITE APARECEU

(De "Lendas dos nossos índios")

No principio não havia noite — dia somente havia em todo tempo. A noite estava adormecida no fundo das águas. Não havia animais, mas todas as coisas falavam.

A filha da Cobra Grande, contava, casara-se com um moço.

Este moço tinha três criados fiéis. Um dia, chamou elle os três fâmulos e disse-lhes:

— Ide passear, porque nós agora vamos dormir.

Os criados foram-se, e então elle chamou sua mulher, para se irem deitar. A filha da Cobra Grande respondeu-lhe:

— Ainda não é noite.

Disse-lhe o marido:

— Não há noite; somente há dia.

A moça respondeu:

— Meu pai tem noite. Se queres dormir manda lá buscá-la, pelo grande rio.

Chamou o marido os três fâmulos; mandou-os a moça á casa de seu pai, para trazerem um caroço da palmeira tucumã.

Foram os criados, chegaram em casa da Cobra Grande, esta lhes entregou um côco de tucumã, muito bem fechado, e disse-lhes:

— Aqui está; levai-o. Eia! não o abraís, senão todas as coisas se perderão.

Tornando os fâmulos, ouviram barulho dentro do côco de tucumã, assim: "tem, tem, tem... xi..." Era o barulho dos grilos e dos sapinhos que cantam de noite.

Quando já estavam longe, um dos criados disse aos companheiros:

— Vamos vêr que barulho será este?

Respondeu o pilôto:

— Não; do contrário nos perderemos. Vamos embora, eia, rema.

Foram-se e continuaram a ouvir o mesmo barulho dentro do côco de tucumã, sem saber que barulho era.

Quando já estavam muito longe, ajuntaram-se no meio da canoa, acenderam fogo, derreteram o breu que fechava o côco e o abriram. De repente, tudo escureceu.

Disse então o pilôto:

— Nós estamos perdidos, e a moça, em sua casa, já sabe que nós abrimos o côco de tucumã!

Seguiram, porém, viagem.

A moça, em sua casa, disse então a seu marido:

— Eles soltaram a noite; vamos esperar a manhã.

Então todas as coisas que estavam espalhadas pelo bosque se transformaram em animais e em pássaros.

As coisas que estavam espalhadas pelo rio se transformaram em patos, e em peixes. Do paneiro gerou-se a onça. O pescador e sua canoa se transformaram em pato: de sua cabeça nasceram a cabeça e bico do pato; da canoa o corpo do pato; dos remos as pernas do pato.

A filha da Cobra Grande, quando viu a estréla Dalva, disse a seu marido:

— A madrugada vem rompendo. Vou separar o dia da noite.

Enrolou então um fio e disse-lhe: — Tu serás o cububim. Fêz assim o cububim: pintou a cabeça do cububim de branco, com tabatinga; pintou-lhe as pernas de vermelho com urucú, e disse-lhe então: — Cantarás para todo o sempre, quando a manhã vier raiando.

Enrolou outro fio, sacudiu cinza em cima d'êlé e disse: — Tu serás inambú, para cantar nos diversos tempos da noite, e de madrugada.

De então para cá todos os pássaros cantaram em suas horas, e de madrugada para alegrar o principio do dia.

Quando os três criados chegaram, disse-lhes o moço:

— Fostes infieis, abristes o caroço de tucumã, soltastes a noite e todas as coisas se perderam, e vós também, que vos mudaste em macacos, andareis para todo o sempre pelos galhos dos paus. Só então repararam que assim era.

(A boca preta, e a risca amarela que elles têm no braço, dizem que é ainda o sinal do breu que fechava o caroço de tucumã, e escorreu sobre elles, quando o derreteram).

# FORNO & FOGÃO

## Espargos à romana

Arrumam-se em uma travessa metálica, os espargos contidos em uma lata de conservas, e cobre-se, cada um, com uma camada de queijo Parmesan ralado. A seguir cobre-se tudo com bastante manteiga quase queimada, de modo a formar um molho abundante. Leva-se a travessa ao forno pelo tempo preciso para se obter o gratin e serve-se o prato guarnecido com triângulos de miolo de pão de forma torrados na manteiga.

## Peixe de forma

Por espaço de 10 a 15 minutos deixa-se de molho em leite morno, umas duzentas gramas de miolo de pão dormido e quando estiver bem amolecido, amassa-se com um garfo até formar uma pasta uniforme e não muito rala. Feito isso, tomam-se duas ou três postas de peixe de tamanho regular, já sem espinha nem escamas, e mesmo crúas, passam-se na máquina e misturam-se à massa de pão e leite. A seguir refogam-se em um pouco de manteiga (duas colheres de sopa), uma cebola ralada, cheiro verde picadinho, um dente de alho pisado, tempera-se com sal e pimenta à vontade e junta-se tudo à massa, a qual se acrescentam quatro gemas crúas e uma colher de farinha de trigo. Mistura-se tudo muito bem e por fim juntam-se as claras batidas em neve, levando-se a cozer em uma forma de bolo bem untada de manteiga e polvilhada de farinha de rosca. Fica ao fogo, em

banho-Maria, por espaço de uma hora. Uma vez pronta a forma, deixa-se esfriar e vira-se em um prato redondo, cercado-a de batatinhas fritas, e cobrindo-a com um molho de camarões miúdos, refogado em manteiga, sal, cebola ralada e cozidos depois em água suficiente para a quantidade de molho necessário, engrossado com maizena.

## Coxinhas de galinha

Ensopa-se, de maneira comum, e com todos os temperos, uma galinha gorda, e, uma vez pronta retira-se do caldo e deixa-se esfriar. Quando fria, com todo o cuidado, separam-se pedaços conservando-se os ossos, de ma-



## OS TRES BRINDES

*Benjamim Franklin, quando esteve em Paris, foi convidado a jantar em companhia dos embaixadores da França e da Inglaterra. A hora da sobremesa, o embaixador ergueu sua taça e fez um brinde:*

— *Eu bebo à saúde da Inglaterra, que é o sol que guia o mundo inteiro!*

— *Eu bebo a França, a lua que com seus doces clarões dissipa as trevas da noite...*

*Chegou a vez de Benjamim Franklin:*

— *Eu bebo à saúde do general Washington, o Josué que ordenou ao sol e à lua que se escondessem...*

## PEQUENAS COISAS QUE CONVEM SABER

Quando se deseja bater claras de ovo e o tempo de que dispomos é pouco, basta deitar-se-lhes uma pitada de sal para que façam espuma em breves instantes.



Os limões podem conservar-se muito tempo frescos se forem guardados em uma caixa contendo serragem ou, então, postos numa vasilha com água, que se renova de vez em quando.



A limpeza das xícaras de chá é facilitada pelo emprego do sal na água de lavagem; se forem de porcelana fina e talvez o sal possa vir a produzir arranhões, será melhor utilizar um pouco de gesso em pó, que se esfrega com um trapo molhado.



Os linoleus têm maior duração se limpos periodicamente com água fria e, em seguida, esfregados com uma solução bastante diluída de cêra branca e água raz. Certas pessoas tem obtido bom resultado com o leite cru, que também proporciona esplêndido brilho a tais tapetes. Deve-se usá-lo, misturado à água, em partes iguais.



Limão e sal favorecem a limpeza do cabo de marfim das facas.



Se um vaso ou jarro de flores apresenta porosidade que permite verter água, impede-se isso do seguinte modo: limpa-se bem o vaso internamente, coloca-se dentro dele um pedaço de vela e expõe-se ao calor, possivelmente num forno, de maneira que, ao derreter a estearina, penetre esta nos póros das paredes internas, obstruindo-os.

## IDADE ESCOLAR

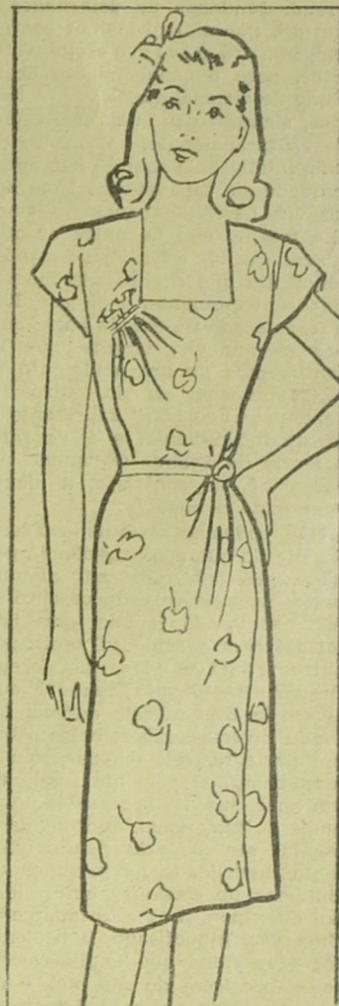
O escritor italiano Renato Fucini foi um dia visitar um seu amigo, professor, e não o encontrou em casa.

— Onde está êle? — perguntou distraidamente ao empregado.

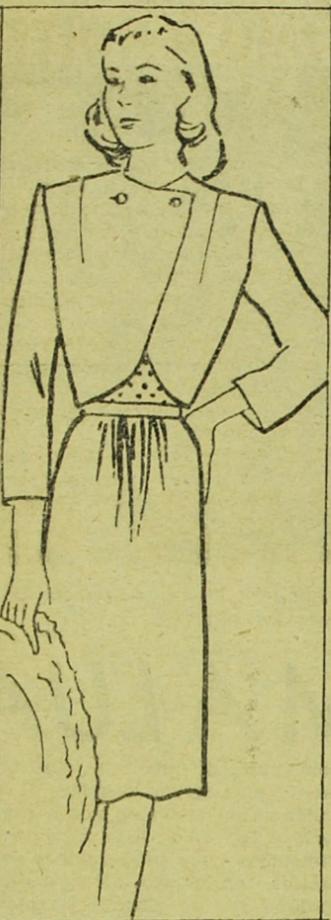
— Foi à escola...

E Fucini, lembrando-se da figura veneranda de seu amigo, exclamou:

— Mas é espantoso. Naquela idade!



Com 2 metros e meio de estampado, você, com habilidade, fará um feitiço como este, levemente franzido na blusa e saia.



Os boleros com mangas três quartos, são práticos e elegantes. Este, para acompanhar saia preta e bluzinha de "pois", proporciona admirável conjunto para um passeio à tarde.

# AGULHA & LÃ

## Camiseta para banho de sol

É feita com ponto de arroz, 10 carreiras brancas e 10 carreiras marinho. Ponto de arroz.

1.ª carreira — "1 ponto avesso, 1 ponto direito.

2.ª carreira — "1 ponto direito, 1 ponto avesso". Desencontram-se os pontos.

Começa pela parte inferior colocando 220 pontos na agulha. De 3 em 3 cms. aumentar de cada lado

## TRICOT



1 ponto (nas frentes) e fazer à esquerda uma casa.

Aos 16 cms. de altura, arrematar de cada lado 40 pontos, depois 3 pontos de 2 em 2 carreiras, por 3 vezes e por último 1 ponto de 4 em 4 carreiras durante 10 cms.

Aos 26 cms. de altura, arrematar no meio do trabalho 10 pontos que devem ser colocados novamente na agulha na carreira seguinte para formar a casa para a gravata.

Aos 27 cms. de altura, dividir o trabalho em duas partes para fazer o decote, tricotar separadamente lado esquerdo do trabalho, arrematando 1 ponto de 4 em 4 carreiras do lado do decote até ficarem 22 pontos.

Quando se obtiver 47 cms. de altura, arrematar os pontos e fazer igual o outro lado.

Colocar na agulha 7 pontos com lã branca, aumentar de 21 em 21 carreira 5 pontos do lado direito e diminuir do lado esquerdo 1 ponto de 4 em 4 carreiras. Quando tiver 45 pontos na agulha, cessar os aumentos do lado direito e tricotar em linha reta deste lado.

Aos 22 cms. arrematar os pontos e fazer o outro lado igual. Fazer 1 tira de lã marinho com 10 pontos de largura por 15 centímetros de comprimento, cozê-las de cada lado das espáduas, franzindo um pouco as mesmas.

**Gravata** — Colocar na agulha 3 pontos, aumentando do lado direito 2 pontos de 2 em 2 carreiras até se conseguirem 20 pontos, tricotar direito 90 cms. e arrematar do lado esquerdo 2 pontos de 2 em 2 carreiras até finalizar.

Costurar a parte direita à borda do decote. A gravata se passa na casa por baixo do decote.

## Maillot para banho

Lã amarela e branca.

Ponto — 1.ª carreira "1 ponto avesso, 1 ponto direito".

2.ª carreira avesso sobre avesso, direito sobre direito.

Repetir a receita.

**Frente** — Começar por uma perninha.

Colocar 42 pontos na agulha, tricotar 30 carreiras, aumentando à direita, 1 ponto de 8 em 8 carreiras. Tendo-se 45 pontos deixá-los de lado e fazer a outra perninha igual.

Reunir os pontos das 2 partes numa agulha só (ao todo 90 pontos) Tri-

cotar 82 carreiras, ou 19 cms., de cada lado e começar a diminuir 1 ponto de cada lado de 8 em 8 carreiras, restando, portanto, 70 pontos. Tricotar mais 30 carreiras diminuindo à direita e à esquerda, 1 ponto de 2 em 2 carreiras; restam 40 pontos. Dividir o trabalho em duas partes iguais.

Deixar um lado de parte e trabalhar com o outro. Arrematar 1 ponto à direita e 1 ponto à esquerda até arrematar o último ponto.

Fazer o segundo lado igual.

**Costas** — Começar igualmente por uma das perninhas.

Colocar 42 pontos na agulha, tricotar 30 carreiras, aumentando à esquerda, 1 ponto de 6 em 6 carreiras. Tendo-se 46 pontos, deixá-los de lado e fazer a outra perninha igual, devendo ser aumentados nos pontos do lado direito.

Reunir os 92 pontos numa agulha só. Tricotar 82 carreiras e começar a diminuir 1 ponto de cada lado de 8 em 8 carreiras. Restam 72 pontos que devem ser arrematados de uma só vez.

Aumento de entre pernas.

Colocar 2 pontos na agulha, tricotar aumentando 1 ponto de cada lado até obter-se 22 pontos.

Continuar tricotando e diminuindo 1 ponto de cada lado de 4 em 4 carreiras até arrematar os 2 últimos pontos.

Reunem-se a frente e as costas por meio de uma costura lateral. Costurar o aumento de entre pernas.

## Sapatinhos de lã para dormir

Agulha 2 1/2. Lã fina. Pé 35 ou 36.

Coloca-se na agulha 127 malhas. Tricota-se em ponto de jersey 10 carreiras cobertas (vira a sola). Daí em diante faz-se bem no centro do trabalho as diminuições que são 20.

Para tal, toma-se 3 malhas de uma só vez, cobre-se esta carreira simplesmente; na carreira seguinte faz-se nova diminuição até se obter o número de diminuições desejado. Para se fazer a pulseirinha do sapato tricota-se 22 malhas em ponto simples, arremata-se as restantes tendo o cuidado de deixar do outro lado também 22 malhas. Acrescenta-se então à agulha 16 malhas, tricota-se então os 2 lados juntamente; faz-se bem ao outro lado novo acréscimo. Trabalha-se 2 carreiras cobertas, 3 pontos antes desta terminar, faz-se uma casa com 3 pontos. Cobre-se e tricota-se mais 2 carreiras cobertas. Arremata-se todos os pontos desta carreira para terminar.

neira que se possa dar depois a esses pedaços a forma de coxinhas como as que há nas confeitarias.

A seguir, em meio litro de leite desmancha-se uma xícara, das de chá, de creme de arroz (farinha), coa-se o caldo onde a galinha foi enopada e nele mistura o creme obtido com o leite e a farinha de arroz, deixando-se ferver tudo, mexendo-se sempre para não embolar. Cozido esse creme tira-se do fogo, junta-se-lhe mais uma colher de manteiga e três gemas crúas, mistura-se bem e leva-se de novo ao fogo, sempre mexendo, por 5 minutos. Deixa-se então esfriar a massa. Quando fria, envolve-se com pequenas porções de cada pedaço da galinha, tendo-se o cuidado de deixar de fora a ponta de osso, dando-se o feitiço de uma coxinha.

Depois passam-se essas coxinhas em ovos mal batidos, a seguir em farinha de rosca, repetindo-se essa operação, para que fiquem bem revestidas e fritam-se em gordura deixando que coze em fogo igual. Servem-se bem quentinhas em uma travessa enfeitada com salsa e alface.

## Pudim de milho verde

Para um copo de milho verde, bem calcado e esmagado, juntam-se três gemas de ovos, uma colher (das de sopa) bem cheia de farinha de trigo, uma colher (sopa) de açúcar, uma pitada de sal e um copo de leite. Bate-se tudo muito bem, reunindo-se, depois, as claras batidas em neve. Despeja-se numa forma de pudim, untada de manteiga, cobre-se com farinha de biscoitos "crackers", deitam-se pedacinhos de manteiga por cima e leva-se a assar em forno quente.

## Bolo de castanhas em quadrados

3 xícaras rasas de açúcar, 3 xícaras de farinha de trigo, 5 ovos, 1 xícara de leite, 1 xícara de castanhas raladas, 1 colher de fermento Royal, 1 pitada de sal.

Peneire os ingredientes secos, todos juntos, depois adicione as gemas, claras em neve e por último o leite. Leve a assar num pequeno taboleiro untado de manteiga. Pronto, cubra com Glacê Royal e corte em pequenos pedaços.

Faça uma calda com 1 xícara cheia de açúcar, em ponto de açúcarar. Ao retirar do fogo, bata um pouco, junte 1 colher de chá de limão, e 2 claras em neve. Bata e despeje sobre o bolo. Ajude a espalhar com uma faca e enfeite com pedacinhos de castanhas, formando flores, tendo-se o cuidado de completar o enfeite com chocolate.

## Franguinhos a duchese

Limpam-se deixando-os inteiros e com as coxas e as asas presas, franguinhos muito novos que se temperam com sal e limão, e enchem-se-lhes o papo (como aos do peru para assar) com patê de fole-gras e deixam-se descansar durante duas horas. Depois desse tempo, escorrem-se e enxaguam-se os franguinhos e levam-se a dourar bem em uma caçarola onde se deitou uma boa porção de manteiga. Depois de bem lourinhos junta-se-lhe uma xícara de leite, tampa-se bem a panela e deixam-se cozinhar lentamente, acrescentando mais leite fervendo, até que os franguinhos fiquem macios. Tiram-se então da caçarola, passando-se um por um em água fervente, com o auxílio de uma escumadeira e arrumam-se em um prato previamente forrado com um bom "purée" de batatas. Passa-se por um coador o molho em que se cozinham os franguinhos para servi-los bem quentes.

## Coelhinhos de castanhas

3 xícaras de açúcar, 1 3/4 xícaras (200 grs.) de castanhas raladas, 6 ovos, 1 pau de chocolate.

Faça uma calda com açúcar. Junte as castanhas raladas e os ovos inteiros e 2 gemas. Bata com o batedor para não encaroçar e leve ao fogo brando até despregar da panela. Deixe esfriar bem, enrolre como ovos de pombo, passe em açúcar peneirado e com os dedos, aperte para formar o focinho. Coloque 2 tiras bem compridas das castanhas em pé para formar as orelhas. Com 1 pau de chocolate derretido, em 1 colher de água em banho maria, faça os olhos e a cauda voltada para cima. Basta o auxílio de um palito. Deixe secar e arrume em caixinhas de papel frisado.

## SABIA QUE O CEREBRO É UMA CASA COM DOIS PAVIMENTOS ?

Para o homem é um motivo de orgulho saber que possui na mente os sentimentos retos do amor, da honra e da integridade moral. Muitos seres se consideram incapazes, dado o seu bom coração, de cometer alguma ação que se afaste dos limites da honradez e da bondade. Todavia, assim como é um fato a existência de bons impulsos na mentalidade humana, não é menos certo também que a par destes se acham outros muito diferentes. O conhecimento de que a maldade se acha arraigada em cada um de nós sem exceção, produzirá em muitos uma sensação de vergonha. E é bom que assim seja, posto que só se envergonham de seus maus atos aqueles em quem a bondade impera sobre a maldade.

O reputado psicólogo e médico inglês Sir Robert Armstrong-Jones, expôs em Londres uma teoria sobre este assunto, dizendo que a mente humana era comparável a uma casa com dois pavimentos. No superior, exposto ao sol e à luz se acham os sentimentos da virtude e da benignidade, juntos com todos os hábitos e costumes que um homem reto se orgulha de possuir e que são o seu mais apreciado galardão. E esta é a parte do cérebro que todos sabemos nossa ou que, pelo menos, consideramos acorde com os nossos atos rotineiros.

Mas existe outro pavimento bastante obscuro, que, apenas, nos é dado conhecer, porque a nossa consciência raras vezes penetra no seu interior. E' assim — empregando a expressão do Dr. Armstrong — que o nosso cérebro "nos dá a impressão de uma família respeitável e séria que vivesse no segundo andar, tendo por vizinha, em baixo, uma outra família menos numerosa, mas cheia de maus instintos e de péssimas ações".

O médico austríaco Sigmundo Freud, fundador da psicanálise e um dos que mais e melhor contribuíram, nos últimos cinquenta anos, para o conhecimento deste ramo de ciência, expôs várias teorias, algumas das quais não estão, desventuradamente, ao alcance de uma inteligência comum, não aprofundada em tal matéria. Uma delas era baseada apenas no amor e a relação que há entre os dois sexos. Explica o Dr. Freud a existência do que é chamada mentalidade inconsciente, e do guardião que, colocado na escada entre ambos os andares, impede que os sentimentos de um pavimento se misturem com os do outro. O "andar inferior" representa a mente inconsciente, e é, de fato, a teoria de Freud. O "andar superior" é, ao contrário, a mente consciente e boa.

Não podemos atribuir a Freud a idéia de que a inconsciência poderia ser enterrada em alguma parte inacessível do cérebro e não ser tocada jamais, pois isto foi descoberto acidentalmente por outro médico vienense, Joseph Breuer. Há 50 anos, sendo Freud aluno de Breuer, este andava fazendo diversas experiências sobre um paciente, relacionadas com o hipnotismo. O paciente sofria de um mal que conhecemos com o nome de "histerismo, anormalidade mental que o fazia pensar com tanta intensidade na presença de sintomas de qualquer enfermidade que, por fim, esta aparecia. Uma vez, hipnotizado, o paciente recordou fatos que explicaram a causa e origem do seu mal, e de que, no estado normal, jamais se tinha lembrado. O mais notável do caso, é que, ante a presença de tais pensamentos, a doença desapareceu por completo.

Testemunha de casos tão estranhos, fortemente impressionado, o moço Freud, decidiu encaminhar os seus estudos para esse novo as-

pecto científico e continuar as investigações do seu professor. Anos mais tarde teve ocasião de atender a uma moça que, após ter permanecido a cuidar do pai, que havia estado enfermo foi presa de um entumescimento num dos braços e simultaneamente de turbamentos na vista e de certa dificuldade na deglutição dos alimentos. Submetendo a moça a um sono hipnótico, o Dr. Freud considerou que todos esses sintomas haviam estado sujeitos à ação de um impulso latente no seu cérebro, durante o tempo transcorrido a cuidar do pai. Este processo de hipnotismo, foi então abandonado por Freud, substituindo-o pelo seu método de psicanálise, que considerava como o caminho mais curto e menos perigoso para poder averiguar o que era que, na realidade, continha essa parte do cérebro, albergue de maus sentimentos. Hoje em dia, a ciência dá como certa, a existência desse "andar inferior" ou mentalidade inconsciente, ainda que difira em determinados pontos expostos por

no "andar inferior", na parte inconsciente.

Não há muito um reputado psicólogo novayorquino foi consultado por um moço, o qual explicou que de certo tempo para cá, se achava atacado por uma sensação de timidez tamanha, que não lhe permitia sociabilizar-se com as demais pessoas, como anteriormente o fazia. Submetido a uma análise psicológica, descobriu-se que o moço tinha influenciado por leituras perniciosas, grandes desejos ocultos de tomar bebidas alcoólicas, e de assistir a festas e orgias de toda a sorte. Mas o seu bom sentido não lhe permitia a realização desses desejos. Havia-se travado, entre as duas secções cerebrais, uma luta da qual saíra triunfante a mente consciente. Sem embargo, o "andar inferior" tinha deixado marcas em forma de "vergonha". O rapaz, achava-se envergonhado inconscientemente, sem saber porque. E era isso o que lhe provocara a inexplicável timidez. Há ocasiões em que as más idéias, as que vivem

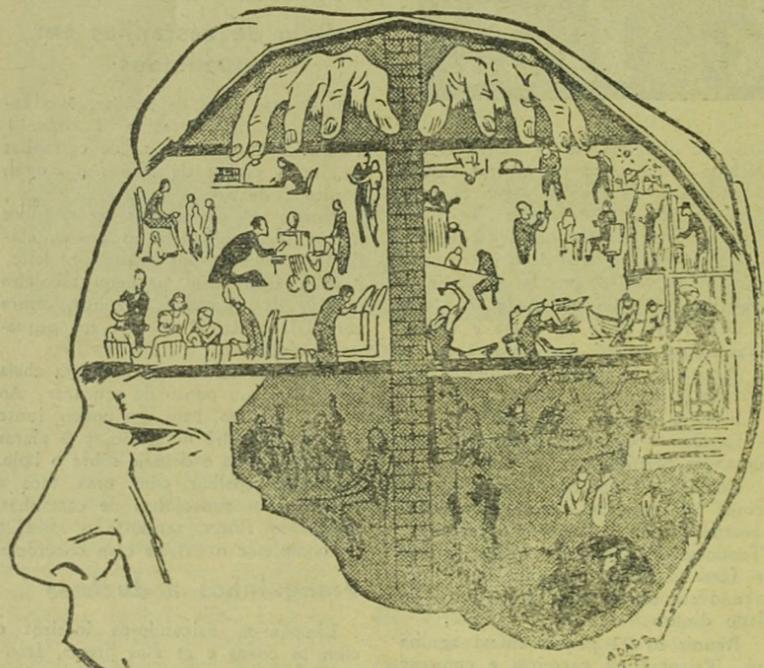


Diagrama da mente humana, onde podem apreciar-se as diferentes dependências cerebrais. Na parte superior, vive a mentalidade consciente e normal, e na inferior, a mentalidade inconsciente que transforma o indivíduo num ser de maus instintos

Freud. Não pode ser por menos, posto que seja evidente que os impulsos daninhos devem, forçosamente, ter lugar em qualquer cérebro, embora estes sejam evidenciados em determinadas pessoas com mais força que em outras. Tomemos por exemplo, o pânico da tripulação de um vapor, durante um naufrágio. Um homem que se encontra em tal situação, lutar qual animal feroz, pisando mulheres e crianças, em busca do anunciado caminho para a salvação. O seu único propósito será a conservação da sua vida e a idéia de uma morte próxima aterrá a seu cérebro de tal maneira, que o impulsional a cometer atos puramente deshumanos. Perdido já o controle de si próprio e desterrado todo o sentimento humanitário, ressurgirá nele uma fera que esquecendo toda regra de conduta e quebradas as cadeias opressoras, semeiará o pânico por toda parte.

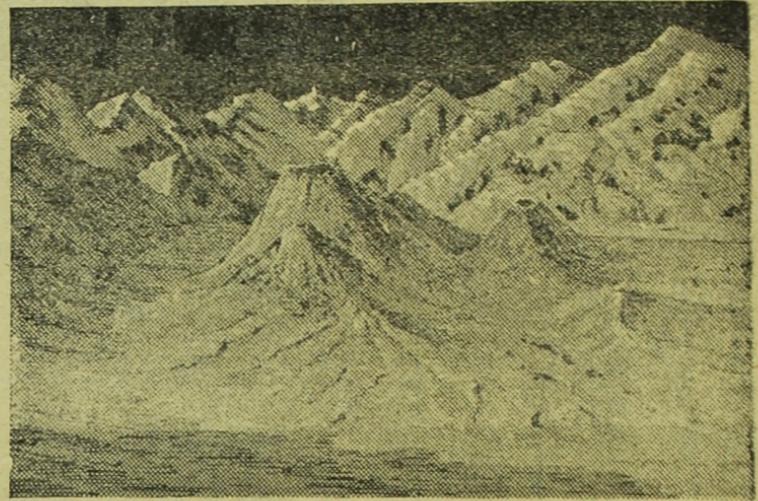
Diz-se que o terror serviu muitas vezes para revelar as verdadeiras paixões do homem, e que, o roubo, o assassinato e outras ações desse mesmo gênero criminoso, não são mais que o resultado de paixões desordenadas que transbordam.

A ciência não está de acordo com isso e afirma que não são as paixões que se desprendem, mas os impulsos ferozes que moram

em baixo, entram no "andar superior". Ponhamos o exemplo num homem que furta dinheiro a um rico. E' um ato executado conscientemente, pois o ladrão crê que o fato de que o outro possuir muito dinheiro, é motivo suficiente para poder furtá-lo sem se envergonhar. Uma pessoa que, por vingança, mata outra, pensa que fez a coisa mais natural deste mundo: E não tem ou pelo menos acredita não ter nenhum peso na consciência. Um morador de Nova York, apresentou-se a um médico dizendo que, há algumas noites, sonhava que agarrava vários gatos pelo pescoço e os arrojava ao rio, para os afogar. Eram pesadelos horríveis e queria acabar com aquele estado a todo o custo.

Por meio de investigação psicológica descobriu-se que esse homem tinha metido no cérebro, no "andar inferior", a idéia de matar a família com que vivia e a qual odiava. O próprio ignorava a existência de tal ódio, e bastaria uma pequena discussão entre eles, para que se tornassem presentes os instintos que o lançara no crime.

E' indubitável que muitas pessoas cuja honradez e bondosos sentimentos foram evidenciados muitas vezes, se julgam a salvo de qualquer tentação má e incapazes de se deixar levar por maus pensamentos. Como se vê,



Uma vista topográfica da Lua. Reconstrução feita através de fotografias da Lua e depois modelada em gesso

## A VIAGEM À LUA

(Conclusão da primeira página) duziu um alongamento do dia de 0,00447" (segundos).

Uma cifra como essa não deixa de apresentar um interesse primordial não só para os astrônomos como para os próprios habitantes da Terra, por mais ínfima que ela seja. Um pequeno raciocínio matemático nos ensinará como isto poderá ter influência na vida humana.

Atualmente o atrazo chega a ser de 17,5 segundos por século. Mas, como este atrazo é proporcional ao quadrado do tempo, resulta que para o ano 3.937 chegara a 1 hora, 50 minutos e 32 segundos. Dentro de 76 séculos, a um dia inteiro. E daqui a 500 milhões de anos, a rotação da Terra será tão lenta que o dia equivaleria a 47 dias dos nossos dias atuais. E o ano ficaria reduzido apenas a 8 dias!

### O FOGUETE E O RADAR

Durante as experiências que se efetuaram na Austrália com o radar, o major Osborn declarou que dentro de dez anos seriam realizadas viagens com foguetes para a Lua e em mais vinte anos as viagens poderiam ser pilotadas. Esta frase merece ser esclarecida porque contém, atrás de si, toda uma longa sequência de trabalhos, pesquisas e também esperanças.

Desde o início das pesquisas com o radar, os cientistas vêm trabalhando para conectar o foguete com a rádio-localização, tornando-o absolutamente exato e controlável em sua rota. Inúmeras experiências desse gênero foram levadas a efeito nos Estados Unidos, na Inglaterra e na Alemanha. Recordar-se aqui, de passagem, que as bombas V-2 alemãs, controladas pelo radar, seguiam sua trajetória com a velocidade do som, isto é, 340 metros por segundo.

Para se empreender uma viagem fora do mundo não se pode pensar em nenhuma aeronave, seja dirigível ou aeroplano, porque tais veículos se fundam na ação sustentadora da atmosfera em virtude do princípio de Arquimedes.

nada mais errôneo que isso. Pois os sentimentos que todo o indivíduo possui podem, ao ser compelidos por um mau pensamento, induzir-nos a praticar as piores ações imagináveis. E assim como somos bons e obramos o bem, poderemos também converter-nos em bestas. Bestas humanas e selvagens, a um só tempo. Porque assim como os instintos do tigre são exacerbados ante a vista do sangue, assim as nossas paixões podem sofrer bruscas transformações tendentes à maldade e ao dano, e levamos a cabo essas ações, cegos pela ira. E' que o nosso cérebro encerra mistérios, que durante muitos anos a ciência não poderá desentranhar por mais que se esforce. E' demasiado magnífica essa máquina formidável, eixo de todas as ações humanas, e em cujo interior todos, sem exceção, temos oculta a ferazinha da maldade, capaz de nos arrotar a qualquer abismo. Unicamente esse instinto de benignidade humana que todo o ser racional alenta desde o berço, é capaz de mantê-la adormecida e imóvel. (De "Vamos Lêr!").

como nos dirigíveis e dinamicamente em virtude das leis da resistência do ar, como nos aeroplanos. A razão disto é clara: a atmosfera pode proporcionar estes efeitos um pouco além dos 100 quilômetros de altitude, enquanto que a distância da terra ao astro mais próximo, a Lua, é de 384.382 quilômetros.

No atual estado da técnica, até que se descubra como aproveitar a energia atômica, o único sistema de propulsão contínua que não necessita a ação sustentadora de nenhum meio material, e que pode ser utilizada no espaço vazio, é o foguete. De fato, o foguete pode cruzar os ares devido a propulsão fundada na reação de gases, não sobre o ar, como erroneamente se acredita, mas sobre si mesmo. O ar, longe de favorecer a marcha do foguete, tende pelo contrário, a diminuir sua velocidade pelo efeito do atrito. De maneira que os foguetes funcionam melhor no vácuo do que no ar. Esta prova foi dada pelos foguetes alemães lançados na estratosfera.

### O PROJETO GODDARD

Agora, poderá ser uma realidade o projeto do professor Robert H. Goddard, da Universidade de Princetown, que vem estudando o meio de como alcançar a Lua com foguetes guiados pelo radar. Um dos problemas que a ciência debate é o combustível propulsor para alcançar tão grandes distâncias. O projeto de Goddard é impressionante. Considera ele que com pólvora e magnésio (pólvora Victor) e sendo guiado pelo radar, o foguete sem passageiros e piloto poderá alcançar a Lua. Quando o foguete estiver em viagem, todos os observatórios astronômicos do mundo, na parte onde a Lua é visível, estarão com seus aparelhos prontos para acompanhar a marcha do foguete, porque, uma vez este chegado à Lua, com o choque, se deflagará a carga de pólvora, produzindo um vivo esplendor que será visível, então, por todos os telescópios.

Para propulsão introduziu-se, recentemente, nos foguetes o hidrogênio em estado atomizado, segundo processo do prof. Langmuir, que os alemães usaram em suas bombas-fozuetes. O hidrogênio ao reagir sobre si mesmo para converter-se em hidrogênio molecular produz 34.000 calorías por quilo e uma temperatura de 9.000°. Com este combustível, a velocidade de injeção dos gases chegaria a 10 e até 12.000 metros por segundo.

Com o radar ficou também solucionado o problema da direção do foguete, que no início de sua desoberta foi um verdadeiro quebra-cabeças para os homens da ciência. Dessa forma, aliando o radar com o foguete, a astronomia poderá esclarecer inúmeros mistérios que cercam ainda os planetas que são nossos vizinhos. À medida que a ciência for progredindo, foguetes serão enviados não só à Lua, como também a Mercúrio, Venus e Marte, que estão mais próximos de nós.

Editor responsável:

SERVICO AUXILIAR DE IMPRENSA (SAI)  
Rua Boa Vista, 234 — S. Paulo